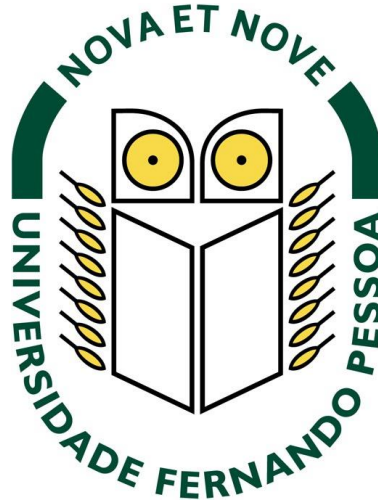


Andreia Filipa Ribeiro Teixeira



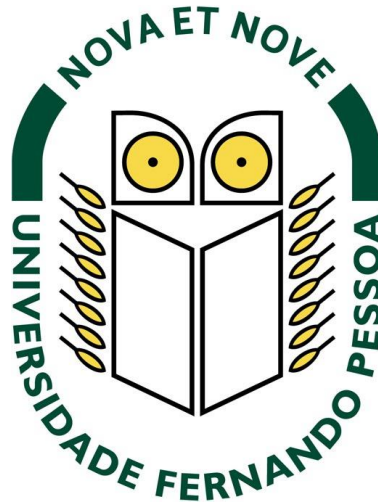
**CRENÇAS E ATITUDES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS FACE A  
LÉSBICAS E A GAYS**

Universidade Fernando Pessoa  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2019



Andreia Filipa Ribeiro Teixeira



**CRENÇAS E ATITUDES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS FACE A  
LÉSBICAS E A GAYS**

Universidade Fernando Pessoa  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2019

Andreia Filipa Ribeiro Teixeira

Assinatura: \_\_\_\_\_

CRENÇAS E ATITUDES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS FACE A  
LÉSBICAS E A GAYS

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Professora Doutora Zélia Teixeira e Professor Doutor Luís Santos.

## Resumo

O presente estudo decorre no âmbito da sexualidade humana, em particular das suas expressões não normativas, e teve como objetivos analisar as crenças associadas à natureza da homossexualidade e as atitudes face a lésbicas e a *gays* nas várias dimensões apresentadas pela amostra, analisar associações entre as variáveis que constituem as crenças associadas à natureza da homossexualidade bem como nas atitudes face a lésbicas e a *gays*, e analisar as relações entre as variáveis sociodemográficas (idade, género e orientação sexual) com as subescalas relativas às crenças associadas à natureza da homossexualidade e com as subescalas relativas às atitudes face a lésbicas e a *gays*.

A presente investigação foi realizada com uma amostra de 111 indivíduos portugueses (92 mulheres e 19 homens), com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos. Para tal, foi utilizado um questionário sociodemográfico em modalidade *online* e duas escalas para avaliar as crenças e as atitudes face à homossexualidade: a Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade (Pereira, Monteiro & Camino, 2009b) e a Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a *Gays* (Gato, Fontaine & Carneiro, 2014) também preenchidas sequencialmente *online*.

Em Portugal existem já alguns estudos referentes ao tipo de crenças sobre a natureza da homossexualidade face ao preconceito praticado, contudo, no que respeita ao âmbito das atitudes face a lésbicas e a *gays*, não existem muitos estudos em Portugal que deem ênfase à eventual associação do tipo de crenças sobre a natureza da homossexualidade com essas mesmas atitudes.

Os resultados obtidos sugerem que o género, a idade e a orientação sexual encontram-se relacionados com a expressão de preconceito em relação a lésbicas e a *gays*. Demonstram ainda que os participantes com maior adesão às crenças de natureza ético-morais e biológicas exprimem mais atitudes homofóbicas. Já os participantes com maior adesão à crença sobre a homossexualidade baseada em provas culturais são aqueles com atitudes menos homofóbicas. A forma como nós pensamos acerca da natureza de um determinado fenómeno – Homossexualidade – determina, de forma variável, o tipo de comportamento que vamos assumir perante esse mesmo fenómeno.

**Palavras-Chave:** *orientação sexual; preconceito; crenças; atitudes homofóbicas.*

## Abstract

The present study was conducted in the context of human sexuality, in particular in its non-normative expressions and its objectives were to analyze the beliefs associated with the nature of homosexuality and lesbian and *gay* attitudes in the various dimensions presented by the sample, to analyze associations between the variables that constitute the beliefs associated with the nature of homosexuality as well as attitudes towards lesbians and *gays*, and to analyze the relationships between sociodemographic variables (age, gender and sexual orientation) with the subscales related to the beliefs associated with the nature of homosexuality and with the relative subscales attitudes towards lesbians and *gays*.

The present investigation was carried out with a sample of 111 Portuguese individuals (92 women and 19 men), aged between 18 and 59 years. For this, a sociodemographic questionnaire was used in online mode and two scales were used to evaluate beliefs and attitudes towards homosexuality: the Beliefs Scale about the Nature of Homosexuality (Pereira, Monteiro & Camino, 2009b) and the Multidimensional Face Attitude Scale the Lesbians and *Gays* (Gato, Fontaine & Carneiro, 2014) also filled sequentially online.

In Portugal there are already some studies concerning the type of beliefs about the nature of homosexuality in the face of prejudice, however, with regard to the scope of attitudes towards lesbians and *gays*, there are not many studies in Portugal that emphasize the possible association of type of beliefs about the nature of homosexuality with these same attitudes.

The results suggest that gender, age and sexual orientation are related to the expression of prejudice towards lesbians and *gays*. They also demonstrate that participants with greater adherence to ethical-moral and biological beliefs express more homophobic attitudes. The participants with the highest adherence to belief about homosexuality based on cultural evidence are those with less homophobic attitudes. The way we think about the nature of a particular phenomenon - Homosexuality - determines, in a variable way, the type of behavior that we are going to assume before this same phenomenon.

**Keywords:** *sexual orientation; preconception; beliefs; homophobic attitudes.*



Dedico este trabalho  
Aos meus Pais e Irmão. Por tudo o que representam para mim.  
Aos meus avós. Mesmo *longe*, continuam no meu coração e pensamento.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Zélia Teixeira, pelo apoio durante todo o desenvolvimento do presente trabalho. Também ao Professor Doutor Luís Santos, pela sua disponibilidade e atenção nos momentos difíceis para a resolução de algumas adversidades inerentes à elaboração do presente.

Com muito amor, aos meus pais, por me permitirem aproveitar todas as oportunidades e pela sua dedicação ao longo dos anos. Pelos momentos difíceis que passámos e, sobretudo, porque estiveram sempre do meu lado. Obrigada pela demonstração de um amor único e por serem as pessoas e pais que são. Continuam e serão sempre o meu maior suporte.

Ao meu irmão Pedro, pelas palavras, pelos momentos, pela nossa relação e ligação. Que é Forte e Incondicional. De todos, o melhor.

A todos os meus amigos, pela amizade, conversas, desabafos e força transmitida ao longo destes cinco e difíceis anos.

A todas as pessoas que, de uma maneira ou outra, contribuíram para a conclusão desta dissertação e sobretudo para a conclusão deste mestrado e de todas as etapas que conquistei no passado.

De todo o meu coração, obrigado a todos!

## Índice

### Índice de Tabelas

### Índice de Figuras

Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	4
1. História Sociopolítica da Homossexualidade em Portugal.....	4
1.1. História da Homossexualidade.....	4
1.2. Percurso Legislativo em Portugal.....	6
1.3. Movimento LGBT em Portugal.....	9
2. Teorias Explicativas da Homossexualidade.....	11
2.1. Teorias das Representações Sociais.....	12
3. Processo de <i>Coming Out</i> .....	13
4. Definição de Principais Conceitos relacionados com a Orientação Sexual.....	15
4.1. Orientação Sexual.....	15
4.2. Preconceito e Discriminação.....	18
4.2.1. Natureza dos Preconceitos.....	20
4.3. Expressões de Preconceito.....	20
4.4. Homofobia e Heterossexismo.....	21
4.4.1. Homofobia Internalizada.....	22
5. O Papel da Psicologia e do Psicólogo com a População LGBT.....	23
Parte II – Estudo Empírico.....	27
1. Método.....	27
1.1. Amostra.....	27
1.2. Instrumentos.....	27
1.3. Procedimentos.....	29
1.4. Análise de dados.....	30
2. Apresentação de Resultados.....	30
2.1. Dados de Caracterização da Amostra.....	30
2.1.1. Análise Descritiva da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade.....	33
2.1.2. Análise Descritiva da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a <i>Gays</i> .....	35

2.2. Análise Inferencial dos Resultados.....	37
2.2.1. Correlações entre Crenças e Atitudes face à Homossexualidade.....	37
2.2.2. Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade como Preditores de Atitudes perante a Homossexualidade.....	38
2.2.3. Estudo da Correlação entre a Variável Idade e as Crenças e Atitudes face à Homossexualidade.....	42
2.3. Estudo das Diferenças entre Variáveis.....	43
3. Discussão dos Resultados.....	46
3.1. Análise das Crenças associadas à Natureza da Homossexualidade e das Atitudes Face a Lésbicas e a <i>Gays</i> .....	46
3.2. Análise da Associação entre as Crenças e as Atitudes.....	47
3.3. Análise das relações entre as Variáveis Sociodemográficas com as Subescalas relativas às Crenças e com as Subescalas relativas às Atitudes.....	48
Conclusão.....	51
Referências Bibliográficas.....	54
Anexos.....	59

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – <i>Distribuição dos/as participantes em função do gênero e dos grupos de idade</i> .....	31
Tabela 2 – <i>Distribuição dos/as participantes em função da orientação sexual</i> .....	31
Tabela 3 – <i>Distribuição dos/as participantes em função da filiação religiosa</i> .....	32
Tabela 4 – <i>Distribuição dos/as participantes em função da área de estudo</i> .....	32
Tabela 5 – <i>Distribuição dos/as participantes em função do estado civil</i> .....	33
Tabela 6 – <i>Estatística Descritiva dos itens da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade</i> .....	34
Tabela 7 – <i>Média e Desvio-Padrão para as Subescalas e Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade</i> .....	35
Tabela 8 – <i>Estatística Descritiva dos itens da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays</i> .....	36
Tabela 9 – <i>Média e Desvio-Padrão para as Subescalas e Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays</i> .....	37
Tabela 10 – <i>Análise da Associação entre a Variável Idade com as Subescalas da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade (Correlações – Coeficiente de Pearson – <math>r</math>)</i> .....	38
Tabela 11 – <i>Análise da Associação entre a Variável Idade com as Subescalas da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays (Correlações – Coeficiente de Pearson – <math>r</math>)</i> .....	39
Tabela 12 – <i>Matriz de Correlações (Coeficiente de Pearson – <math>r</math>) entre as subescalas de cada instrumento</i> .....	42
Tabela 13 – <i>Coeficientes de Regressão Padronizados (betas) obtidos na análise dos preditores das atitudes face a lésbicas e gays</i> .....	43
Tabela 14 – <i>Análise das diferenças nas subescalas da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays e da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade em função do sexo dos/as participantes</i> .....	44

*Tabela 15 – Análise das diferenças nas subescalas da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays e da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade em função da orientação dos/as participantes.....45*

## **Índice de Figuras**

Figura 1 – <i>Coefficientes de Regressão Padronizados obtidos na Análise das Relações entre as Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e as Atitudes Face a Lésbicas e Gays</i> .....	41
--	----

## **Introdução**

Numa sociedade em que cada vez mais presenciamos à chamada de atenção para conceitos como a tolerância e a igualdade, as normas sociais são bem claras na condenação de atitudes e comportamentos discriminatórios face aos denominados grupos minoritários (Bota, 2017).

Nas sociedades ditas desenvolvidas observa-se uma crescente visibilidade e acesso de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais a determinados direitos civis. Contudo, o preconceito e a discriminação em função da orientação sexual persistem, com efeitos adversos para o bem-estar destas pessoas (Gato, Fontaine & Leme, 2014).

O interesse da Psicologia pelo estudo do preconceito anti homossexual tem crescido ao longo das últimas décadas, sendo o constructo mais disseminado o de homofobia. A homofobia é aqui entendida como uma rejeição, aversão, medo ou ódio irracional aos homossexuais e, por extensão, a todos os que manifestam orientação sexual ou identidade de género diferente dos padrões heterossexuais ainda aceites como normativos na nossa sociedade (Koehler, 2013). Essa forma de preconceito, para além de ser experienciada diante de pessoas homossexuais, esta pode ser internalizada: surge o medo da sua própria homossexualidade, leva a que os indivíduos homossexuais internalizem valores negativos face à sua homossexualidade, muito antes de perceberem a sua própria orientação sexual (Pereira & Leal, 2005).

Para captar mais a dimensão ideológica do preconceito contra a população LGBT, o termo heterossexismo começou a ser utilizado de uma forma semelhante ao sexismo e ao racismo. O heterossexismo passa pela crença de que apesar da homossexualidade até poder ser aceite, a heterossexualidade é o modelo ideal de funcionamento psicológico (Oliveira, 2010). De uma forma geral, o termo é utilizado para referenciar o sistema ideológico que nega, denigre e estigmatiza qualquer forma de comportamento, identidade, relacionamento ou comunidade não heterossexual. É, ainda, usado para caracterizar os preconceitos heterossexuais contra homossexuais bem como os comportamentos baseados nestes preconceitos (Herek, 1996).

Segundo Lacerda et al (2002), surge a necessidade de identificarem cinco conjuntos de crenças sobre a natureza da homossexualidade fundamentais para a compreensão das atitudes em relação à população LGBT: crenças religiosas, crenças ético-morais, crenças

psicológicas, crenças biológicas e crenças psicossociais/culturais (Pereira, Monteiro & Camino, 2009b).

Desta forma, impõe-se uma reflexão fundamental: estarão estas atitudes associadas ao tipo de crença sobre a natureza da homossexualidade?

A investigação ainda não tem analisado como os portugueses estruturam as suas crenças e organizam as suas atitudes em relação aos homossexuais. Assim sendo, de uma forma muito breve, a presente proposta de investigação demonstra-se pertinente, não só pelo tema ser subjetivo nos dias de hoje, como é necessário perceber a associação destas atitudes com as crenças sobre a natureza da homossexualidade, mas também devido ao facto da escassa investigação neste âmbito (Pereira, Monteiro & Camino, 2009b).

O presente trabalho é composto por duas partes, correspondendo a primeira parte ao Enquadramento Teórico, nomeadamente refletindo qual o papel da Psicologia nesta temática e sua repercussão na população LGBT e a segunda parte corresponde ao Estudo Empírico. Seguidamente é elaborada a Discussão de Resultados e apresentam-se as Conclusões do estudo. Por fim, são apresentadas as Referências Bibliográficas, seguidas da secção correspondentes aos Anexos.

Na primeira parte da dissertação, é feito um enquadramento da evolução histórica, social, cultural e política da homossexualidade, desde a visão patológica à construção de um percurso legislativo igualitário. São ainda apresentadas algumas teorias que intelectualizam como a homossexualidade pode ser explicada, seguido do modelo *coming out*. É também elaborada uma breve apresentação de conceitos relevantes nas questões de orientação sexual, bem como a concetualização e abordagem do preconceito e de outros constructos relacionados com atitudes/comportamentos hostis relativamente às pessoas LGBT. Tal como acima mencionado, o papel da Psicologia a desenvolver no âmbito da integração da população LGBT também foi explorado, tendo em conta que esta característica pode ser uma condição para que se viva em constante angústia.

A segunda parte da dissertação, corresponde à componente empírica, que é composta pela amostragem, onde são referidos os objetivos e as questões de investigação, são introduzidos os aspetos metodológicos, instrumentais e procedimentais envolvidos no estudo. Seguidamente, surge a apresentação e a análise dos dados recolhidos, por forma a que sejam, posteriormente, confrontados com os objetivos e as questões de investigação

delineadas e, claro, com a revisão da literatura, na secção correspondente à discussão de resultados.

Por fim, são ostentadas algumas conclusões, bem como algumas recomendações e considerações finais em torno das limitações e potencialidades do estudo.

## **Parte I - Enquadramento Teórico**

### **1. História Sociopolítica da Homossexualidade em Portugal**

#### **1.1. História da Homossexualidade**

Para se entender melhor este tema da homossexualidade, assim como qualquer outro tema, faz sentido entender o seu percurso. Segundo a revisão da literatura, a homossexualidade sempre foi um fenómeno constante.

Primeiramente, é pertinente sublinhar que o comportamento homossexual não existe apenas entre os seres humanos, o mesmo pode ser observado em animais. Segundo os estudos de Spencer (1999), os relacionamentos sexuais entre primatas do mesmo sexo são frequentes: quando o macho dominante se apodera de todas as fêmeas, os machos mais jovens procuram e conseguem a proteção do adulto superior através da aquisição de uma postura dita “feminina”. A literatura revela ainda sinais da homossexualidade quer feminina quer masculina no mundo animal. Foram realizados outros estudos, onde se verificou um caso de um chimpanzé fêmea que, durante o cio, recusava os machos, procurando a satisfação e o prazer nas fêmeas, apresentando assim uma postura mais “masculina” para com as mesmas (Spencer, 1999).

Por sua vez, ao longo dos tempos e das diferentes culturas, o comportamento homossexual nos seres humanos foi motivo de punição, de vergonha e violência contra aqueles que atravessassem a fronteira da heteronormatividade (Molina, 2011). A importância de estudar a homossexualidade é ter a possibilidade de decifrar as raízes do preconceito na nossa sociedade, contribuindo assim para a eliminação da intolerância contra os homossexuais (Mott, 2003).

O termo homossexualidade foi proposto pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert em 1869, a fim de transferir essa manifestação da sexualidade do domínio jurídico para o médico. O termo homossexual deriva do grego “*homos*”, que significa semelhante ou igual. A afirmação do termo heterossexualidade foi possível devido à necessidade de definição da homossexualidade. Desta forma, surge uma descrição médico-moral no século XIX, delineada, pelo alemão Kraft-Ebing, como forma de especificar as identidades sexuais justamente no que se referia aos seus tipos e formas (Weeks, 2000).

O surgimento da homossexualidade parece remontar aos anos antes de Cristo, onde a Bíblia apresenta textos que desencadeiam interpretações homofóbicas: “é uma

abominação um homem se deitar com outro homem como se fosse uma mulher, ou uma mulher se deitar com outra mulher como se fosse um homem” (Levítico 18.22; 20.13) e “por causa de certas abominações, tal como o homossexualismo, a Terra vomitará os seus moradores” (Levítico 18.25). Na Grécia Antiga, o amor entre homens era considerado como a mais alta forma de afeição, sendo que as relações homem-mulher tinham, como finalidade, apenas a reprodução. De acordo com Airès (1985), em Esparta, era comum os pares homossexuais guerrearem juntos, era credível que essa “união fortalecia a unidade do exército e que a afeição de um pelo o outro aumentaria a sua capacidade de luta”. Na América primitiva, considerava-se a homossexualidade entre os jovens homens e mulheres como natural e normal. Na Idade Média, o cristianismo conduziu à repressão perante os homossexuais, onde a prática homossexual era vista “como obra do demónio” (Foucault, 1999).

De acordo com Foucault (1999), todos os comportamentos sexuais que “fugissem” à “lei da natureza” estavam a ser estudados de forma aprofundada pela ciência, pois estas manifestações sexuais eram consideradas pela sociedade como uma “ameaça”. A partir dessa “ameaça”, os indivíduos passaram a ser categorizados a partir das suas práticas sexuais.

A homossexualidade, no início, era reconhecida como uma anomalia do instinto sexual causada pela degeneração ou atraso evolutivo. É pertinente salientar que, no século XIX, o homossexual, num primeiro momento, era visto como um efeminado: este não era culpabilizado pela sua orientação, porém era isolado e vigiado como se fosse uma mulher pois, acreditava-se que o homossexual, tal como a mulher, eram serem “pecadores” que poderiam seduzir outras pessoas a escolherem outros caminhos. Ainda de acordo com Nunan (2003), a palavra “homossexual” transforma-se num rótulo que coloca os homossexuais em categorias de doentes psíquicos ou de problemas relacionais/sociais, existindo a classificação de que a homossexualidade era uma doença, começando a surgir tentativas de cura – através de hipnoses e até cirurgias.

Nos primórdios do século XX, a homossexualidade era considerada como crime: na Alemanha nazista, os homossexuais masculinos (*gays*) eram submetidos nos campos de concentração, onde eram identificados com um triângulo cor-de-rosa. Com frequência, estes eram castrados e remetidos à desnutrição para acelerar as suas mortes (Airès, 1985).

Depois de um início de história onde a homossexualidade fazia parte do nosso dia-a-dia, podemos reparar que a mesma é identificada como algo intermitente no tempo e na forma de aceitação social.

## **1.2. Percurso Legislativo em Portugal**

Os avanços e recuos legislativos dependeram da formulação da própria homossexualidade como categorias válidas e reconhecidas na sociedade. Para isso, dois passos preliminares foram fundamentais: 1) despatologização no plano médico e 2) descriminalização no plano jurídico. A década de sessenta do século XX pode ser vista como a do início simultâneo de movimentos sociais em torno da orientação sexual e identidade de género, por um lado, e de preocupações legislativas, por outro. Um primeiro momento, dos anos sessenta até aos anos oitenta, é marcado por agendas reivindicativas preocupadas com a descriminalização, a aceitação e reconhecimento social das sexualidades minoritárias, e a criação e reconhecimento de identidades coletivas em torno da sexualidade. Nos meados da década de oitenta, a crise do HIV/sida instaura um ponto de rutura, pelos efeitos que a mesma teve em comunidades LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais). Na década de noventa, assistiu-se a uma inflexão das reivindicações e das preocupações políticas e legislativas, no sentido dos direitos civis, nomeadamente relacionados com as formas conjugais, familiares, parentais e reprodutivas (Almeida, 2010).

Em Portugal, com a experiência da ditadura até 1974, as transformações políticas subsequentes ao 25 de abril, privilegiaram visões do mundo de uma certa tradição da esquerda que via na homossexualidade um assunto problemático e secundário, quando não mesmo perigoso. O processo de “normalização” pós-revolucionário não renovou as elites, tendo conduzido ao poder ou os herdeiros daquele pensamento de esquerda ao questionamento dos ordenamentos de género e sexuais. Assim, a preocupação política e legislativa com questões LGBT, bem como o movimento social visível e eficaz, só ocorreram em meados da década de noventa do século XX, como efeito secundário da luta contra a sida, protagonizada por setores da classe média e pacientes, como influências normativas e de valores resultantes da adesão à União Europeia e, em função do processo de desenvolvimento socioeconómico do país acompanhado pela mudança de mentalidade (Almeida, 2010).

Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retira a homossexualidade da lista de patologias (DSM-II) e em 1981 a Assembleia Parlamentar do Conselho da

Europa adota o poder da condenação a toda a discriminação legal e social contra a população homossexual (Almeida, 2010).

Em Portugal, só em 1982, através de uma Revisão do Código Penal, a homossexualidade deixa de ser considerada crime e é extinta a punição. A partir desse momento, a homossexualidade “entre adultos, livremente exercida e em recato” transcende para o domínio dos atos não puníveis (Moleiro, et al., 2017).

Em 1989, assiste-se à publicação de uma Portaria (29/89) que elenca as inaptidões para o serviço militar, classificando como doença mental os “desvios e transtornos sexuais: homossexualidade e outras perversões sexuais”. Já em 1991, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retira a homossexualidade da lista de patologias e, em 1994 o Parlamento Europeu vota favoravelmente a *Resolution on Equal Rights for Homosexuals and Lesbian in the EC* (A4-0223/96), reiterando-a no ano seguinte (A4-0112/97) (Almeida, 2010).

Nos inícios dos anos 80, Portugal estava confrontado com a epidemia da SIDA. A partir do ativismo contra a sida surge um discurso normalizador da homossexualidade e, ao mesmo tempo, capaz de movimentar as suas especificidades identitárias e, conseqüentemente, em 1995/1996 é criada a Associação ILGA-Portugal. De imediato, essa associação propõe uma revisão constitucional no sentido de adicionar a expressão “orientação sexual” na Constituição (Artigo 13º - Princípio da Igualdade). Em 1997, é firmado o Tratado de Amesterdão, de que Portugal é signatário, no qual o mesmo advertia aos Estados-membros que criassem uma legislação no sentido de eliminar toda e qualquer discriminação “em razão do sexo, raça ou origem étnica, religião ou crença, idade ou orientação sexual” (Almeida, 2010).

Em 15 de março de 2001, foi aprovada em Portugal a Lei nº7/2001 (com alterações pela Lei nº23/2010) com o propósito de reconhecer os direitos das pessoas que residam em união de facto, sempre que as mesmas tenham uma duração superior a 2 anos, sem distinção entre uniões de facto entre pessoas do mesmo sexo ou do sexo diferente (Moleiro, et al., 2017).

Em 2005, o Artigo 13º da Constituição (Princípio da Igualdade) prevê expressamente que ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão da sua orientação sexual (Moleiro, et al., 2017).

Ainda neste ano, a Associação ILGA-Portugal lança uma petição pela igualdade no acesso ao casamento civil (Almeida, 2010).

Em 2006, é feita a alteração da Lei da Nacionalidade, reconhecendo a aquisição da nacionalidade portuguesa no caso de uniões de facto: um estrangeiro que tenha vivido com um português em união de facto por mais de 3 anos, este pode pedir nacionalidade portuguesa nos tribunais (Almeida, 2010), desde que essa relação seja devidamente reconhecida pelo Estado-Membro de residência (Moleiro, et al., 2017). A Lei não refere a natureza heterossexual ou homossexual da união de facto (Almeida, 2010).

No ano de 2007, a revisão do Código Penal estabelece agravamentos penais para crimes cometidos, nomeadamente fundado na orientação sexual da vítima, nomeadamente nos casos de homicídio e ofensas corporais graves (Moleiro, et al., 2017). Um homicídio cometido por razões de orientação sexual passa a ser homicídio qualificado (Almeida, 2010). A vítima do crime de violência doméstica poderá ser uma pessoa do sexo diferente ou do mesmo sexo com quem o agente preserve uma relação amorosa de namoro ou uma relação similar à de conjugabilidade. O crime de discriminação passa a abranger o estabelecimento de organizações incitando à discriminação, ódio ou violência contra pessoa ou grupo de pessoas em função da sua raça, cor, origem étnica, nacionalidade, religião, sexo, orientação sexual. Ainda no mesmo ano, em janeiro, a Lei da Bases da Atividade Física e do Desporto, sublinha que todos têm direito à atividade física e desportiva (Moleiro, et al., 2017).

A 3 de outubro de 2008 decorre a audição parlamentar de apreciação da petição a favor do casamento das pessoas do mesmo sexo. A 10 de outubro do mesmo ano, é votada a petição sobre o mesmo, com rejeição (Almeida, 2010). Segundo Moleiro et al. (2017), o Regime do Contrato de Trabalho em Funções Públicas estende a igualdade e a não discriminação para a empregabilidade.

A 18 de janeiro de 2009, o secretário-geral do PS e primeiro-ministro José Sócrates (na altura) afirma como prioridade “o combate a todas as formas de discriminação e a remoção, na próxima legislatura, das barreiras jurídicas à realização do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo” (Almeida, 2010). O ensino da sexualidade, no mesmo ano, proporcionou às escolas uma reflexão acerca do respeito da diversidade sexual e, conseqüentemente, incluiu no programa o respeito, o ensino e a explicação referente às

peçoas LGBT. Segundo a Associação ILGA-Portugal, neste ano foi então introduzido o tema da homossexualidade na educação sexual escolar (Moleiro, et al., 2017).

As passagens de maior impacto na comunidade LGBT em Portugal, são bastante recentes como a aprovação do casamento homossexual em 2010. Através da Lei nº9/2010, de 31 de maio, a Assembleia da República passou a permitir o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo (Moleiro, et al., 2017), reprovando o direito de adoção nesses casos (Almeida, 2010).

Em 2013, segundo o Código Penal, a identidade de género é vista como um fator agravante nas penas e como fator de discriminação para efeitos do crime de discriminação anteriormente referido. No que respeita à possibilidade e ao acesso à adoção, ao apadrinhamento civil e às restantes relações jurídicas por parte de casais homossexuais, esta só veio a ser aprovada a 29 de fevereiro de 2016 com a Lei nº2/2016. Esta aprovação veio pôr fim à discriminação sentida por parte de casais homossexuais, que se viram limitados na adoção de crianças, apenas por constituírem uma família com dois membros do mesmo sexo. Ainda em 2016, no dia 19 de setembro, surge o fim da discriminação com base na orientação sexual na doação de sangue (Moleiro, et al., 2017).

Segundo o Diário da República, em 2018, no que reporta a Lei nº38/2018, a Assembleia da República decreta direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e à proteção das características sexuais de cada pessoa aos 16 anos de idade.

### **1.3. Movimento LGBT em Portugal**

O movimento LGBT em Portugal foi acompanhado por várias organizações. Essas visam a discussão de assuntos relacionados com a temática da homossexualidade e a defesa dos seus direitos. De seguida, serão apresentadas algumas associações a favor do movimento LGBT e quais os seus propósitos.

Segundo Almeida (2010), a *Associação ILGA-Portugal* foi fundada em 1995 e é a maior e mais arcaica associação de defesa dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais em Portugal. Esta tem como principal objetivo a integração social da população lésbica, gay, bissexual e transexual (LGBT) através da promoção da cidadania, dos Direitos Humanos e da igualdade de género. Em março de 2017, segundo a Associação ILGA-Portugal, esta atualizou a sua designação de “Intervenção Lésbica,

Gay, Bissexual e Transgénero” para “Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo”.

A associação *Opus Gay* foi fundada em 1997 e é uma organização de carácter social cujo objetivo passa pela promoção da solidariedade entre todos os membros da comunidade LGBT portuguesa. Tem por objetivos o apoio e defesa dos direitos humanos, a nível individual e coletivo, das minorias sexuais (Almeida, 2010).

A *Rede Ex-Aequo* foi fundada como associação de jovens com idades que variam entre os 16 e os 30 anos, em 2003 (Almeida, 2010). Segundo a informação disponibilizada no site *online* da *Rede Ex-Aequo*, os objetivos propostos passam pela reivindicação a não discriminação e a integração na sociedade dos jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo (LGBTI), bem como o reconhecimento das suas necessidades, particularidades e especificidades. Para além disso, esta associação desenvolve e implementa estratégias e ações de intervenção a nível científico, social, cultural e/ou político referentes à juventude e à educação no âmbito da temática LGBTI.

O *Clube Safo* teve a sua origem em 1996 e resultou da dedicação de um pequeno grupo de lésbicas com a necessidade de criar um espaço de diálogo e partilha. Tem-se caracterizado sobretudo pelos seus encontros, passagens de anos e acampamentos de Verão. Esta associação portuguesa é a única vocacionada especificamente para a organização de atividades sobre a temática lésbica (Almeida, 2010).

As *Panteras Rosa* apresentam-se não como associação, mas como rede de ativistas, como grupo político e interventivo, que não obedece a estruturas hierárquicas e que procede diretamente sobre os casos de discriminação LGBT (Almeida, 2010).

A próxima organização, *Não te privas*, surge como associação de defesa dos direitos humanos focada no combate às discriminações baseadas na sexualidade e no género, estando aberta à colaboração e intervenção em outras áreas como o combate ao racismo, à xenofobia, à pobreza e à exclusão económica, à transmissão do HIV, entre outras (Almeida, 2010).

Por fim, a AMPLOS (Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual) é a primeira associação portuguesa que auxilia na mobilização das famílias de pessoas com uma orientação sexual diferente a lutar pelos seus direitos. Propõe a luta por uma sociedade mais justa numa tentativa de eliminar totalmente a discriminação para com

as famílias e adoção homossexual. A família faz o seu processo de “saída do armário” e, segundo a AMPLOS, após a afirmação perante os pais, surgem momentos de grande tensão para os envolvidos: os pais sofrem e, por vezes não têm a melhor reação. Vivenciam medo e até vergonha devido aos “preconceitos que circulam e abundam na sociedade”, mas também devido à “falta de informação resultante dos tabus que se têm perpetuado”. Bem como os envolvidos, os pais dos homossexuais também aprendem a “sair do seu «armário», reprimindo o desejo de abrir a porta e celebrar o amor que sentem pelos seus filhos/as” (AMPLOS, 2012).

## **2. Teorias Explicativas da Homossexualidade**

Em termos de investigação, Moita (2006) reuniu algumas teses etiológicas que procuram explicar a homossexualidade, sendo assim quatro na sua totalidade.

O primeiro trabalho apresentado pela autora trata da transgressão dos papéis de género dos modelos de identificação, isto é, considera-se que a homossexualidade surge como um “afastamento” inicial proveniente dos progenitores, ou seja, os papéis a desempenhar no seio familiar entre um pai e uma mãe, vão de encontro aos típicos e tradicionais papéis a desempenhar no seio familiar. Os papéis desempenhados na família, outrora rígidos e inflexíveis, entre o papel mãe/pai e mulher/homem, são hoje e cada vez mais fluídos, podendo conduzir a diferentes interpretações e ensinamentos de papéis (Moita, 2006).

O segundo conjunto de trabalhos considera que a homossexualidade surge como uma falha no processo de desenvolvimento. É apresentada como um elemento estrutural da personalidade e, por isso, é interpretada como *paranoide* ou *boderline* da personalidade ou ainda, personalidade narcísica. Ressalva-se que a homossexualidade surge como uma falha no desenvolvimento no que respeita à capacidade afetiva (Moita, 2006).

Ainda segundo Moita (2016), existe uma outra teoria de que a homossexualidade se trata de uma aprendizagem desadequada. A autora explica que é através de aprendizagens desajustadas que se cria uma interpretação onde outros comportamentos alternativos são considerados corretos, exemplo disso é a insatisfação de mulheres nos relacionamentos com homens, que pode incitar a comportamentos homossexuais como escape à insatisfação.

Como última tese explicativa da homossexualidade, surge a ideia de que se trata de uma determinação biológica. Nesta teoria são consideradas válidas questões como genética/hereditariedade e questões hormonais (Moita, 2006).

## 2.1. Teoria das Representações Sociais

A nossa educação, desde muito cedo, tem como base agir de acordo com a nossa sociedade, e grande parte da nossa personalidade, da nossa maneira de pensar e de estar é ajustada pelo mundo que nos rodeia – família, amigos, colegas, vizinhos, meios de comunicação social. Porém, nem todos reagimos da mesma forma perante uma mesma situação, isto porque os nossos contextos variam de pessoa para pessoa e, se as sociedades e as comunidades são diferentes, as pessoas também o serão.

Segundo Poeschl (2004, p.8) “o modo como conceitualizamos os objetos sociais e como nos exprimimos acerca deles nas interações sociais obedece a uma lógica particular que preenche várias funções, como as de justificar e orientar os nossos comportamentos e as relações que temos com outras pessoas e outros grupos, e de defender o valor positivo que atribuímos à nossa identidade social”.

A nossa realidade é toda ela baseada em representações sociais, das quais são métodos de aprendizagem e de criação da realidade, através de partilhas de informação. Estas são uma importante constante nas nossas vidas: a maneira como as compreendemos é tão pertinente como percebermos os objetos – sabendo que quase todos os objetos são alvo de representações sociais (Moscovici, 2001).

As representações sociais são uma organização de opiniões, atitudes, crenças e informações determinadas pelos sujeitos, pelos contextos e pelos seus vínculos. Esta teoria tem como formulação que os grupos e as sociedades têm conhecimentos compartilhados acerca da realidade que os envolve, que podem gerar práticas e atitudes em relação aos mesmos (Scardua & Filho, 2006).

Uma das funções das representações sociais seria a de elaborar comportamentos e comunicações entre indivíduos, além de ressaltar a tendência das representações sociais em transformar algo não-familiar em familiar (Moscovici, 1978).

Existem dois processos referentes à construção da representação social: a objetivação e a ancoragem. A objetivação diz respeito a um processo de transformação do objeto da representação em algo objetivo, ou seja, passa do abstrato para o concreto. Este processo contém três fases: 1) Seleção e Descontextualização: quando as informações relacionadas a um objeto de representação são escolhidas e utilizadas em função de critérios culturais e normativos dos grupos/indivíduos; 2) Formação de um “Núcleo Figurativo”: quando se dá a reprodução de uma estrutura conceitual a partir de uma estrutura imaginante visível;

3) Naturalização: quando ocorre a atribuição de qualidade da natureza aos elementos do núcleo figurativo, como se tivessem vida própria. A ancoragem refere-se à inserção da representação e do seu objeto no social, ou seja, expõe a forma como um conhecimento se insere no pensamento pré-existente: trata-se de produzir um conhecimento para os fins práticos de cada sujeito social, tais como influenciar, sobreviver, entre outros (Jodelet, 1986).

Direcionando agora para a teoria das representações sociais, esta foca-se no modo como são estruturados os objetos de conhecimento ao longo das interações sociais, dando realce à importância que as trocas sociais têm nesta estruturação. Alguns autores defendem que esta teoria deveria ser considerada como uma “grande teoria”, uma vez que a sua finalidade é proporcionar conceitos básicos (Poeschl, 2003).

### **3. Processo de *Coming Out***

O processo de *coming out* ou “sair do armário” é importante para nos auxiliar no entendimento do mesmo. Segundo Marcus (1999), “o «armário» é simplesmente uma metáfora usada para descrever o local onde as pessoas gay e lésbica guardam escondida a sua orientação sexual (...) atrás da porta”. No mesmo sentido e segundo Almeida (2009), a análise de Moz (2011) diz-nos que “o «armário» se trata de um segredo mantido com vista a evitar possíveis discriminações referentes à orientação sexual”. “Trata-se de um processo de desenvolvimento, através do qual os gays e lésbicas reconhecem as suas preferências sexuais e escolhem integrar esse conhecimento nas suas vidas pessoais e sociais”. Este processo crucial remete-nos assim para o significado de afirmação e de revelação da sua orientação sexual, seja perante si mesmo ou perante os outros. Cada processo difere de pessoa para pessoa, dependendo sempre do que cada um sente como afirmação/revelação (Frazão & Rosário, 2008)

Existem três modelos explicativos que caracterizam o processo de *coming out*. Cada modelo contempla várias e diferentes etapas, que nos levam a refletir sobre as diferentes formas de afirmação e aceitação de si próprios. É de salientar que todos os modelos apresentados são alvos de críticas, uma vez que são rígidos e lineares. Será apresentado, por ordem cronológica, o modelo de Cass (1979), o modelo de Coleman (1982) e, por fim, o modelo mais recente de Ritter e Tendrup (2002) (Frazão & Rosário, 2008).

O modelo clássico de Cass (1979) é desenvolvimentista na sua essência e está repartido por seis estádios: Confusão da Identidade, Comparação da Identidade,

Tolerância da Identidade, Aceitação da Identidade, Orgulho da Identidade e Síntese da Identidade. Começo então por explicar sucintamente este modelo. O primeiro estágio é a Confusão da Identidade, onde ocorre a constatação de que algo que era para a pessoa inaceitável poderá vir a ser a sua realidade, isto é, quando surgem as primeiras suspeitas de algo diferente. Como seguimento, temos a Comparação da Identidade onde decorre uma exploração da diferença sentida, em que os comportamentos associados à homossexualidade são negados. No estágio da Tolerância da Identidade, a homossexualidade começa a ser vista como uma realidade e, assim, existe uma procura da satisfação de necessidades “sexuais, emocionais e sociais de ser homossexual” (Cass, 1979). Na Aceitação da Identidade é onde existe uma aceitação da homossexualidade e intensifica-se o contato com outros homossexuais bem como a defesa de questões relacionadas. Segue-se o Orgulho da Identidade, onde o indivíduo orgulha-se de o ser, optando pelo relacionamento e convívio entre a comunidade homossexual. Por fim, surge a Síntese da Identidade que cinge uma plena aceitação e consciência do seu ser homossexual, onde existe uma afirmação perante si próprio e perante os outros (Frazão & Rosário, 2008).

Segundo o modelo de Coleman (1982), também contribui para a explicação do processo *coming out* e encontra-se dividido em cinco etapas: Pré-Coming, Coming-Out, Fase da Exploração, Fase das Primeiras Relações e a Integração. Na primeira fase, Pré-Coming, a diferença é sentida, no entanto, tudo o que o indivíduo percebeu foi que os comportamentos homossexuais são errados e podem conduzir à “rejeição e ridicularização” (Coleman, 1982). Posteriormente vem o Coming-Out, fase onde existe uma compreensão do que é ser homossexual e começa aqui uma enorme vontade de partilhar com outras pessoas aquilo que vêm a sentir. Na Fase da Exploração desenvolvem-se “capacidades de socialização com pessoas com interesses sexuais semelhantes” (Coleman, 1982). Surge depois a Fase das Primeiras Relações, onde a vontade de interagir e relacionar de uma forma mais íntima e emocional, está patente. Por fim, dá-se a Integração, em que a sua autoimagem homossexual está presente em contextos mais íntimos e pessoais, bem como em contextos sociais e relacionais (Frazão & Rosário, 2008).

A análise destes dois modelos dá-nos alguma informação sobre o processo que gays e lésbicas atravessam na conquista de uma identidade global que incorpore a sua vivência sexual. Contudo, em 2002, surge um modelo mais aprofundado e mais recente de *coming*

*out*, da autoria de Ritter e Tendrup. Este modelo é constituído por três grandes etapas: a Sensibilização, a Tolerância e a Integração (Frazão & Rosário, 2008).

Na primeira fase, a Sensibilização trata-se do momento em que é sentida uma diferença de si próprios perante os outros. Existe uma “não conformidade com os papéis de género estipulados pela sociedade” (Frazão & Rosário, 2008, p.32). Existe uma não aceitação desta diferença, podendo desenvolver vários comportamentos de negação e de adotar um comportamento heterossexual e até homofóbico como defesa da sua própria homossexualidade. Quanto à segunda fase, a Tolerância conduz, por vezes, a uma dupla vida, podendo haver afirmação da sua identidade enquanto homossexual em alguns contextos. Começa a existir uma maior tolerância com a ideia da homossexualidade, no entanto a revelação ainda é algo resguardado. Trata-se de uma fase em que a sua afirmação, perante algumas pessoas, nomeadamente a família, não existe e, ao mesmo tempo, recorre a vários momentos em que se consegue afirmar, perante amizades por exemplo, podendo ser ele próprio sem constrangimentos. Então, é assim que se desenvolve a vida dupla, onde o indivíduo age de forma heterossexual em determinados contextos e, noutros age de forma homossexual. Esta etapa é crucial para o sentido da sua afirmação. Caso a afirmação até ao momento seja bem aceite e algo “recompensador, começa a surgir uma vontade enorme de reduzir a dissonância provocada por uma vida dupla. Em contrapartida, emerge o orgulho *gay* e uma maior procura de relações íntimas com pessoas do mesmo sexo” (Frazão & Rosário, 2008, p.32). Caso as reações sejam negativas, com cariz de discriminação ou até mesmo de exclusão, irá provocar o medo dessa afirmação, tornando-a em algo menos provável de acontecer. Por fim, a terceira fase, trata-se da Integração, sendo que nesta fase existe uma total aceitação de si mesmo, onde a afirmação da sua orientação sexual será algo comum nas suas vidas e estará presente nos mais diversos contextos (Frazão & Rosário, 2008).

#### **4. Definição de Principais Conceitos relacionados com a Orientação Sexual**

##### **4.1. Orientação Sexual**

Começando pela base, importa conhecer e definir orientação sexual. Segundo a APA (2008), a orientação sexual diz respeito ao envolvimento durável emocional, amoroso e/ou atração sexual por homens, mulheres ou por ambos os sexos. A orientação é considerada uma categoria “moderna”, apesar de noutras épocas e noutras culturas terem já sido relatados padrões de desejos e comportamentos não heterossexuais (O’Murray, 2002, citado por Oliveira, 2010). Trata-se de alguém que tem uma identidade pessoal e

social com base nas suas atrações, manifestando determinados comportamentos e aderindo a uma comunidade de pessoas que compartilham da mesma orientação sexual (APA, 2008). No fundo é a quem se dirige o nosso desejo sexual, tendo em consideração o nosso sexo. Podemos encarar a orientação sexual “como um contínuo que vai da homossexualidade exclusiva à heterossexualidade exclusiva, com uma série de alternativas possíveis pelo meio” (Nodin, 2002, p.141).

Os conceitos de identidade sexual e identidade de género estão relacionados entre si, contudo acabam por serem distintos. Desta forma, importa esclarecer cada um deles. No que refere à identidade sexual, essencialmente, trata-se da caracterização de cada um de nós no que respeita à sua sexualidade e tudo o que ela envolve. No fundo, a identidade sexual, trata-se da personalidade sexual que caracteriza cada um pela sua autenticidade e individualidade. É a identificação que fazemos no que respeita à nossa sexualidade e à forma como a vivenciamos e sentimos. “Engloba dimensões como sejam a identidade de género, a orientação sexual, as fantasias, o desejo e os comportamentos sexuais” (Nodin, 2002, p.146).

Em relação à identidade de género, entende-se o “sentido subjetivo do *self* em indivíduos como sendo masculino ou feminino”, relacionando-se com os papéis de género, ou seja, “todas as normas de comportamento e aparência estereotipadamente ligadas a cada género, incluindo tanto as características adotadas por uma pessoa, como características baseadas no género que lhe são atribuídas pelos outros” (Appleby & Anatas, 1998, citado por Brandão, 2008, p.3).

Globalmente, a orientação sexual costuma ser categorizada em três dimensões: heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade (APA, 2008). A heterossexualidade remete-nos para a atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso por parceiros do sexo oposto (Nodin, 2002).

Outra forma de orientação sexual é a bissexualidade. Segundo a APA (2008), a bissexualidade consiste na atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso por pessoas de ambos os sexos (Oliveira, 2010). Consiste em ter “sentimentos de atração sexual por homens e por mulheres” (Marcus, 1999, p.26). Não significa que sejam atrações simultâneas, apenas significa que não ficam limitadas a um só sexo. No fundo, “um bissexual é uma pessoa cujo desejo sexual se dirige a homens e a mulheres” (Nodin, 2002, p. 41).

Outra orientação sexual é a homossexualidade. Segundo a APA (2008), a homossexualidade é a atração sexual e/ou envolvimentos emocional ou amoroso por pessoas do mesmo sexo (Oliveira, 2010). “Homossexual combina a palavra grega que significa «o mesmo» e a palavra latina que significa «sexo»” (Marcus, 1999, p.23). Isto é, uma pessoa homossexual procura prazer, satisfação, amor e compreensão numa pessoa do mesmo sexo. Não se pode afirmar que se trata de uma escolha, mas sim de uma característica da sua personalidade que cresce e se desenvolve com o mesmo. A homossexualidade tanto está associada a homens como mulheres. É algo muito comum atribuir a denominação *gay*: esta trata-se de uma palavra derivada do inglês e significa “alegre”, tornando-se uma denominação “gíria” (Marcus, 1999, p.25), indo ao encontro do significado de homossexual. Trata-se de um termo que, à partida, transmite aceitação e à vontade perante a sua orientação sexual, podendo por vezes ser associado à figura mais extrovertida e exuberante dos homossexuais. A palavra lésbica, é a “denominação da condição homossexual numa mulher”. Deriva do nome de uma ilha grega Lesbos, local onde vivia a poetisa Safo que escrevia sobre o amor entre mulheres. Significa a atração sexual, desejo, compreensão e prazer numa relação de mulher para mulher (Ocaña, 2007, p.86).

Para além das formas de orientação sexual anteriormente descritas, importa ainda referir a assexualidade. A assexualidade é uma manifestação da sexualidade humana. Nas orientações anteriormente mencionadas, existe um sentimento de atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso entre os sexos, mas, no caso da assexualidade não existe qualquer tipo de atração sexual. Por essas palavras, afirmamos que a assexualidade caracteriza-se pela falta de atração sexual (Rozenthal, 2018).

Um outro conceito teórico bastante atual é o termo transexualidade. Esta denominação abrange os indivíduos que se identificam com um outro género que não o seu sexo biológico de pertença. Estes indivíduos são vulgarmente conhecidos por transexuais. Para se considerar um transexual, devem existir mudanças provocadas por vários tratamentos hormonais, sem ser necessária a intervenção cirúrgica. No que diz respeito à transexualidade, esta é caracterizada pelo grande desejo de viver ou ter uma experiência de vida de acordo com o que é atribuído a outro género. No caso de pessoas cujo o sexo biológico de nascimento é masculino e que vivem no género feminino, falamos de transexuais MTF (*male to female*). No caso de pessoas cujo o sexo biológico de

nascimento é feminino e que vivem no género masculino, falamos de transexuais FTM (*female to male*) (Oliveira, 2010).

O termo da intersexualidade é bastante atual e merecedor da nossa atenção. É um termo utilizado desde o século XX para o que se conhece no senso comum como hermafroditismo, a condição de indivíduos que nasceram com órgãos sexuais ambíguos. Na linguagem biomédica esta condição é marcada como patologia, sendo esta compreendida como resultado de uma interação anormal dos fatores genéticos e hormonais ligados ao género no período pré-natal, e a denomina de Distúrbio do Desenvolvimento Sexual (DDS) (Gaudenzi, 2018).

#### **4.2. Preconceito e Discriminação**

Estes dois grandes constructos têm ganho uma enorme dimensão nas investigações das ciências humanas e sociais, nomeadamente na Psicologia Social.

Segundo Allport (1954), o preconceito pode ser definido como “uma atitude hostil ou preventiva em relação a membros de algum grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui características contestáveis atribuídas a esse grupo” (Allport, 1954, p.7). Os mais variados grupos, para além dos sexuais, podem ser alvos de preconceitos: raças, etnias, religiões, migrantes, prisioneiros, homossexuais, deficientes, doentes mentais e os ditos “intelectuais” (Neto, 1998).

Para Allport (1954), generalização (ou processo de categorização) e a hostilidade errónea constituem a base do pré-conceito normal, sendo aqui necessário a distinção entre os termos *pré-conceito* e *preconceito*. O primeiro diz respeito ao pré-julgamento concebido sobre determinado indivíduo e que, com a aproximação, pode ser revisto/desfeito. O segundo é a imutável capacidade de externar pensamentos hostis em relação à diferença de outro indivíduo (Manuel, Silva & Oliveira, 2015).

Além disso, Allport (1954) refere que a categorização auxilia na velocidade do pensamento, e, portanto, estereotipar os indivíduos de determinados grupos permite, de forma rápida e automática, distinguir características positivas ou negativas. Dessa forma, os indivíduos colaboram com os seus grupos e tendem a subjugar os membros de outros grupos (Manuel, Silva & Oliveira, 2015).

Para Allport (1954), o pensamento através das categorias faz parte do processo cognitivo normal, e as categorias mais importantes para os indivíduos e mais relevantes

para germinar preconceitos são os próprios valores que os grupos utilizam para dirigir o seu comportamento. Os valores, com peso positivo ou negativo, manifestam-se, sobretudo, sob a forma de sentimentos socialmente aprendidos e partilhados no seio dos grupos (Monteiro, 1997).

O preconceito origina comportamentos e ações que podem ter sérias implicações não só na vida quotidiana como no bem-estar da sociedade. O facto de se definir o preconceito como uma atitude, tem que existir pelos menos duas implicações: a primeira é que, apesar do preconceito ser mais usado com uma conotação negativa, ele também apresenta características positivas; a segunda é que, se o preconceito é uma atitude, podemos vê-lo como tendo três componentes: afetiva, cognitiva e comportamental (Neto, 1998).

A componente afetiva diz respeito a sentimentos preconceituosos experienciados em face de membros de grupos específicos, ou simplesmente pelo facto de se pensar nesses grupos. A componente cognitiva refere-se não só a crenças e expectativas acerca dos membros desses grupos, como também aos modos como são processadas as informações acerca desses membros. Por último, mas não menos importante, a componente comportamental refere-se às tendências a agir em relação a esses grupos. Caso essas intenções se concretizem em ações, estamos então perante o ato de discriminação (Neto, 1998).

A discriminação é, por consequência, a manifestação comportamental do preconceito (Neto, 1998). Postula-se a um comportamento negativo ou um conjunto de ações programadas contra um determinado grupo, baseadas em julgamentos prévios sobre a natureza supostamente negativa dos membros desses grupos (Myers, 2000). Quando ocorre a discriminação, membros de grupos particulares são tratados de modo positivo ou negativo por causa da sua pertença a determinado grupo (Neto, 1998).

O comportamento discriminatório pode assumir diferentes formas. A um nível simplesmente moderado pode implicar o evitamento. A um nível mais acentuado pode levar à exclusão de empregos, de escolas, de alojamentos. Em casos extremos, a discriminação pode reverter em agressão contra os alvos do preconceito (Neto, 1998).

Reparamos então que o preconceito e a discriminação são relativamente automáticos, no qual o preconceito é melhor preditor de discriminação do que os estereótipos. Assim sendo, é notório que estes dois grandes constructos estão fortemente correlacionados.

#### **4.2.1. Natureza dos Preconceitos**

É necessário ainda perceber qual a natureza/origem da formação dos nossos preconceitos que, em determinadas condições, se podem avivar e dar origem a grandes conflitos.

Os preconceitos ocupam uma extensa faixa das atitudes e dos comportamentos no seio dos grupos e nas relações entre grupos, no qual importa saber de que depende a intensidade dos mesmos. Segundo Allport (1954), a intensidade dos preconceitos depende de três aspetos cruciais: 1) a quantidade de frustração e dureza de vida que atingem as pessoas – o autor menciona que a frustração elevada proporciona a transformação do ódio recorrente para o ódio racionalizado; 2) o processo de aprendizagem e a socialização precoce – Allport refere que as crianças educadas num ambiente de hostilidade e rejeição, expostas a preconceitos prefabricados, dificilmente desenvolvem uma vinculação às relações sociais; e 3) uma economia funcional de raiz exclusivista, apoiada no princípio cognitivo do “menor esforço” – o autor alude que a adaptação de uma visão negativa aos grandes grupos da humanidade torna a vida mais simples (“se eu rejeitar todos os estrangeiros, não tenho de me preocupar com eles – exceto com o que estejam no meu país” (Allport, 1954, p. 366) (Monteiro, 1997).

Segundo o autor, conseguimos perceber que certos processos cognitivos, o estilo de interação social precoce e o contexto valorativo das relações entre os grupos estão assim na origem da formação dos preconceitos (Monteiro, 1997).

#### **4.3. Expressões de Preconceito**

O comportamento de discriminar surge através do relacionamento entre grupos distintos e pode assumir diferentes graus de intensidade. Allport (1954), apresenta o seguinte modelo: 1) Verbalização Negativa – as pessoas limitam-se a verbalizar os seus próprios preconceitos entre amigos ou, por vezes, com estranhos; 2) Evitamento – o preconceito manifesta-se neste caso de forma mais ativa em que as pessoas evitam o contato com membros de grupo que hostilizam; 3) Discriminação – o grupo minoritário é excluído de direitos civis, do emprego e do acesso a certas formas de alojamento; 4) Ataque Físico – surge a violência física contra pessoas e propriedades do grupo hostilizado; e 5) Exterminação – existe violência indiscriminada contra todo um grupo de pessoas (Monteiro, 1997).

Por fim, se o preconceito e a discriminação são conceitos diferentes e podem não estar associados, eles são também muito interdependentes. É evidente que preconceito e estereótipos podem suscitar discriminação, pois a discriminação pode ter então consequências sobre o alvo, produzindo padrões comportamentais que confirmam crenças iniciais (Neto, 1998).

Em Portugal, o preconceito e a discriminação estão cada vez mais presentes na nossa sociedade. Através da Associação ILGA, ao observar e analisar os observatórios da discriminação em função da orientação sexual e identidade de género entre 2013 a 2017, reparamos que, atualmente, existe uma tendência de aumento da consciência do fenómeno da discriminação. Contudo, os números dos crimes e incidentes motivados pelo ódio contra pessoas LGBT tem vindo a crescer exponencialmente: o tipo de crime mais frequente e com maior percentagem são os insultos ou ameaças verbais ou escritas. Globalmente, a maioria das vítimas são jovens adultos, do sexo masculino e homossexuais. Verificando a informação dos observatórios da discriminação através da Associação ILGA, é pertinente referir a idade dos agressores: em 2015, a idade da maioria dos agressores (25%) está entre os 15 aos 24 anos; já em 2016, a idade da maioria dos agressores (21,68%) varia entre os 25 aos 34 anos; e no ano passado, 2017, a idade da maioria dos agressores (16,98%) está entre os 45 aos 54 anos. Aqui observamos que, de ano para ano, a idade é um fator que vai aumentando.

#### **4.4. Homofobia e Heterossexismo**

A exclusão social ligada ao mundo LGBT pode aparecer sob duas formas: heterossexismo e homofobia. Focalizaremos agora a nossa atenção nessas duas feições de intolerância (Koehler, 2013).

O heterossexismo foi um termo proposto por Stephen Morin em 1977, significando que as crenças e atitudes não atribuem o mesmo valor aos estilos de vida entre pessoas do mesmo sexo e entre pessoas de sexos diferentes (Oliveira, 2010). É a crença de que apesar da homossexualidade até poder ser aceite, a heterossexualidade é o modelo ideal de funcionamento psicológico (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012). De uma forma geral, o termo é utilizado para referenciar o sistema ideológico que nega, denigre e estigmatiza qualquer forma de comportamento, identidade, relacionamento ou comunidade não heterossexual. É, ainda, usado para caraterizar os preconceitos heterossexuais contra homossexuais bem como os comportamentos baseados nestes preconceitos: paralelismos

entre o sentimento anti-*gay* e outras formas de preconceito como o racismo, o antissemitismo ou o sexismo (Herek, 1996).

A homofobia pode ser definida como o preconceito direcionado a homossexuais, pessoas que sentem uma atração afetiva e sexual por indivíduos do mesmo sexo, manifestando-se das mais diversas formas, quer através de gestos ou olhares, quer por meio de agressões verbais ou físicas (Molina, 2011). É aqui definida como rejeição, aversão, medo ou ódio irracional aos homossexuais e, por extensão, a todos o que manifestem orientação sexual ou identidade de género diferente dos padrões heterossexuais ainda aceites como normativos na nossa sociedade (Koehler, 2013). No entanto, e é de realçar, que as atitudes de homofobia não são exclusivas dos heterossexuais, existindo igualmente homossexuais que praticam o mesmo tipo de atitudes ou comportamentos face a pessoas heterossexuais, apesar de ser de forma diferente (Mineiro, 2010).

#### **4.4.1. Homofobia Internalizada**

É notório a crescente aceitação das minorias sexuais, mas a comunidade LGBT continua a ser alvo de estigmas sociais com a sua identidade sexual, estigmas estes com cariz negativo sobre a homossexualidade que se encontram entrelaçados no panorama cultural, legal e social da sociedade em que vivemos (Hequembourg & Dearing, 2013).

Definido como medo à própria homossexualidade, este conceito é um fenómeno cultural, que não é universal, nem toma as mesmas formas ou o mesmo significado em diferentes grupos sociais. Esse fenómeno leva as pessoas a terem medo da sua própria homossexualidade, inclusive leva os indivíduos homossexuais a internalizarem valores negativos face à homossexualidade, muito antes de perceberem a sua própria orientação sexual. É ainda pertinente referir que a consequência saliente da internalização de ideias homofóbicas é a sensação de vergonha que uma pessoa possa sentir por ser identificado como homossexual (Pereira & Leal, 2002)

Este processo de internalização ocorre, na maior parte dos casos, antes do reconhecimento da atração sexual por pessoas do mesmo género, reconhecimento este que dará início a um processo psicológico de auto rotulação, processo este muitas vezes não acompanhado por uma abertura interpessoal em relação às novas emoções e comportamentos que surgem nesta altura. Uma vez que a internalização destas ideias,

juízos e imposições homofóbicas ocorrem tão precocemente, estas podem ter como resultado graves danos psicológicos (Pereira & Leal, 2005).

O conceito de homofobia internalizada é, desta forma, de extrema importância no âmbito da Psicologia, pois permite a compreensão de fatores únicos que se encontram envolvidos nas áreas do desenvolvimento, psicopatologia, psicoterapia e prevenção na comunidade LGBT (Pereira & Leal, 2005).

## **5. O Papel da Psicologia e do Psicólogo com a População LGBT**

Desde sempre que a Psicologia é uma área que abrange toda a sociedade. É tanto uma ciência pura como aplicada. Visa compreender o comportamento, os seus mecanismos e processos básicos que influenciam ideias, sentimentos e pensamentos. Procura também resolver problemas humanos. É multidisciplinar, tendo ligações próximas com muitas outras áreas como a anatomia, medicina, psiquiatria, sociologia, bem como economia, matemática e zoologia. É de surpreender aos recém-chegados, o “leque de coisas” com que os psicólogos estudam – dos sonhos às ilusões de grandeza, da memória à mobilidade social, da formação de atitudes ao alcoolismo (Furnham, 2009).

Respeitando e considerando o tema da Homossexualidade, a formação de atitudes leva-nos a questionar como a Psicologia desempenha o seu papel nas questões de orientação sexual, nomeadamente as orientações lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT).

O preconceito e a discriminação estão constantemente presentes, direta ou indiretamente, na nossa sociedade. Não raras vezes, as pessoas LGBT são sujeitas a situações de opressão, de desigualdade e de violência, as quais põem em causa tanto a saúde física, psicológica, sexual e reprodutiva, como também a social. Por serem socializadas em contextos maioritariamente estigmatizantes ou heterossexistas, estas pessoas podem internalizar o preconceito (homofobia internalizada), recorrendo assim ao apoio psicológico para auxiliar na confrontação desse preconceito e na solidificação da autoestima (Moleiro, et al., 2017).

Em termos de intervenção, os/as psicólogos/as clínicos/as são encorajados/as para a compreensão do processo de descoberta pessoal e de revelação de uma orientação LGB aos outros, particularmente à família, e que isso implica quebras de expectativas convencionais/estipuladas acerca do género e da sexualidade. É importante apoiar, não só a pessoa LGB, como a sua família e comunidade. Estes profissionais de saúde prestam

ainda compreender de que forma o estigma “atua” nos diferentes contextos de vida destas pessoas, quais os efeitos proporcionados pelo estigma e, nesse sentido, avaliar os níveis de segurança e apoio social. É de salientar a explicação acerca da diferenciação entre questões de identidade de género das questões relacionadas com a orientação sexual. Deve existir consciência dos preconceitos face à homossexualidade e à bissexualidade, bem como dos fatores pessoais que possam estar subjacentes (e.g., género, orientação sexual, religião). As pessoas LGB com incapacidade física, sensorial e cognitivo-emocional podem ser “alvo” do estigma associado quer à orientação sexual quer à deficiência, o que poderão levar ao comprometimento do seu sentido de autonomia pessoal, autoconfiança e sexualidade e, para tal, os profissionais de saúde devem dirigir a sua intervenção nesse sentido. Os/as psicólogos/as devem considerar a idade como um fator crucial e diferenciador das experiências das pessoas LGB, pois esta tem impacto não só ao nível de fatores de risco psicológico como ao nível das influências históricas relacionadas com geração de pertença (a adolescência aqui é de salientar pois as mudanças cognitivas, emocionais e sociais acabam por ser desafiantes para os jovens que têm que lidar com a integração de uma identidade lésbica, *gay* ou bissexual) (Moleiro, et al., 2017).

Em relação às pessoas transexuais, o mesmo que foi supracitado anteriormente acaba por se aplicar, no entanto existem alguns aspetos pertinentes a considerar. O género é um constructo não-binário, que permite assim uma multiplicidade e uma plasticidade de identidades, e que estas podem não ser consistentes com o sexo atribuído à nascença e, assim sendo, em termos de intervenção, é crucial para os/as psicólogos/as aceitar essa diversidade de identidades de género (Moleiro, et al., 2017).

Posto isto, é indispensável que os/as psicólogos/as tenham uma informação consolidada e empiricamente validada sobre diferentes características constituintes dos seres humanos e conheçam as boas práticas a adotar no exercício da profissão – incluindo a sua orientação sexual e identidade de género. Assim, estes profissionais de saúde devem aumentar o seu conhecimento e a sua compreensão da homossexualidade, bissexualidade e transexualidade através de uma formação contínua, treino, supervisão e consulta (Moleiro, et. al., 2017).

Finalizado que está o enquadramento teórico que serve como de pano de fundo à investigação empírica nuclear desta dissertação, parece-nos importante referir que o estudo que se segue teve como ambição contribuir para o envolvimento dos estudantes e

profissionais de psicologia numa temática que tem tanto de desafiante como de promotora de desenvolvimento pessoal, académico e profissional.



## **Parte II – Estudo Empírico**

O presente estudo é um exercício de investigação no domínio das crenças e atitudes manifestadas face à homossexualidade. Foi atempadamente proposto para avaliação e validação pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, tendo obtido parecer positivo.

### **1. Método**

Quanto à metodologia da presente dissertação, esta recorre ao método quantitativo. O objetivo geral é o de analisar as crenças associadas à natureza/causa da homossexualidade e as atitudes face a lésbicas e *gays* apresentadas pela amostra. Como objetivos específicos temos: 1) analisar as crenças associadas à natureza da homossexualidade e as atitudes face a lésbicas e a *gays* nas várias dimensões apresentadas pela amostra; 2) analisar associações entre as variáveis que constituem as crenças associadas à natureza da homossexualidade e as mesmas às atitudes face a lésbicas e a *gays*; 3) analisar as relações entre as variáveis sociodemográficas (idade, género e orientação sexual) com as subescalas relativas às crenças associadas à natureza da homossexualidade e com as subescalas relativas às atitudes face a lésbicas e a *gays*.

Foram considerados critérios de inclusão e exclusão. No que respeita ao critério de inclusão o mesmo visa a participação de jovens, portugueses, estudantes maiores de idade e de diferentes cursos de ensino superior. Por outro lado, o critério de exclusão reporta a jovens menores de idade e estudantes de qualquer ensino sem ser superior.

#### **1.1. Amostra**

A presente investigação sustentou-se numa amostra intencional, não probabilística, com elementos de ambos os géneros e com idade superior a 18 anos. Em relação à amostra final, foi possível obter um total de 111 participantes, após exclusão de 7 respostas por não cumprirem os critérios acima referidos.

#### **1.2. Instrumentos**

A investigação combinou a utilização de um questionário e duas escalas. Em primeiro lugar foi elaborado o questionário (cf. Anexo B) da autoria da proponente que deu conhecimento dos objetivos do estudo, e onde estão presentes indicadores sobre as características sociodemográficas dos participantes (género, idade, profissão, nacionalidade, habilitações literárias, estado civil, orientação sexual e filiação religiosa). Foram ainda utilizadas duas escalas: a Escala Multidimensional de Atitudes Face a

Lésbicas e a *Gays* (Gato, Fontaine & Carneiro, 2014) e a Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade (Pereira, Monteiro & Camino, 2009b), para cuja utilização obtivemos a autorização dos respetivos autores (cf. Anexo C).

Acerca da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade, esta foi elaborada e validada por Lacerda, e colaboradores (2002). Contudo, a escala utilizada neste estudo foi a de Pereira, Monteiro & Camino (2009b), que se encontra validada e adaptada à população portuguesa. Assim sendo, esta foi utilizada com o fim de avaliar os cinco tipos de crenças sobre a natureza da homossexualidade: biológicos, religiosos, ético-morais, psicológicos e psicossociais (culturais). A escala é composta por 15 itens, em que a cada uma das crenças anteriormente descritas correspondem três itens. Como exemplo ilustrativo, para a crença biológica temos (“01- As causas da homossexualidade estão relacionadas com disfunções hormonais”), e assim sucessivamente para os outros tipos de crença.

Segundo Pereira, Monteiro e Camino (2009b), as crenças ético-morais abordam a homossexualidade com conotações pejorativas, associando esta prática sexual à falta de carácter, de respeito e de valores morais da pessoa; as crenças religiosas apontam que o homossexual não segue a palavra de Deus e que é fraca espiritual e religiosamente para resistir às tentações; as crenças psicológicas foram formadas pela ideia de que a homossexualidade está relacionada, sobretudo, com traumas sexuais vividos na primeira infância; as crenças biológicas fundamentaram-se numa avaliação da homossexualidade como uma doença provocada por distúrbios de natureza fisiológica, genética ou hormonal; as crenças de natureza psicossocial/cultural derivam da ideia de que a homossexualidade não é uma doença e deve ser compreendida na sua totalidade, pois trata-se de uma orientação como outra qualquer, sendo resultado de processos identitários e socioculturais. A resposta dos participantes passou por indicar o seu grau de concordância relativamente a cada item da escala, sendo que as respostas tipo Likert diferenciar-se-iam de 1 (Discordo Totalmente) a 7 (Concordo Totalmente).

Relativamente à Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a *Gays*, esta foi elaborada, validada e adaptada por Gato, Fontaine e Leme (2014) em Portugal, foi utilizada com o intuito de mensurar os tipos de atitudes, positivas e negativas, face à homossexualidade. A escala é composta por 27 itens que se distribuem por quatro subescalas.

Três dessas subescalas estão relacionadas com diferentes tipos de atitudes e representações negativas acerca da homossexualidade e das pessoas homossexuais. Dessas, duas são de carácter mais tradicional (Rejeição da Proximidade e Homopatologização) e uma possui um cariz mais contemporâneo (Heterossexismo Moderno). A quarta subescala está relacionada com atitudes positivas face à homossexualidade e às pessoas homossexuais (Suporte) (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012).

A primeira subescala, Rejeição da Proximidade (RP) corresponde ao preconceito na sua aceção clássica e é composta por dez itens que traduzem hostilidade e evitamento da interação com lésbicas e *gays*, em diversos contextos sociais. A segunda subescala, denominada Homopatologização (HP) é composta por cinco afirmações que dizem respeito à condenação moral e à patologização de lésbicas e *gays*. A terceira subescala, referente ao Heterossexismo Moderno (HM) diz respeito a expressões contemporâneas do preconceito contra lésbicas e *gays*. Está distribuída em sete itens que se referem ao desconforto com a expressão de identidade lésbica e *gay* e com o desempenho, por parte de lésbicas e *gays*, de papéis tradicionalmente associados à heterossexualidade (e.g., o casamento e a parentalidade). Por último, a quarta subescala, denominada Suporte (S), é composta por cinco afirmações de conteúdo positivo relacionadas com o apoio concedido a lésbicas e a *gays*, no que respeita, por exemplo, aos seus direitos (Gato, Fontaine & Leme, 2014).

Como exemplo ilustrativo, para a atitude de Homopatologização temos o item 2 “A homossexualidade é uma perturbação psicológica”, para a atitude de Rejeição da Proximidade temos o item 24 “Não votaria num/a candidato/a homossexual nas eleições”, para a atitude de Heterossexismo Moderno temos o item 3 “Acredito que os pais e as mães homossexuais são tão competentes como os pais heterossexuais” e, por fim, para a atitude de Suporte temos o item 27 “Vejo o movimento gay como algo positivo”. A tarefa dos participantes passou por exprimir a sua opinião para cada um dos itens numa escala de resposta tipo Likert de 1 (Discordo Completamente) a 6 (Concordo Completamente).

### **1.3. Procedimentos**

A recolha dos dados decorreu via *online* após construção na plataforma *Google Docs* do documento que contemplava os diferentes instrumentos. Foi pedido ao Gabinete de Comunicação e Imagem da UFP para a divulgação do mesmo que esteve *online* desde abril até maio de 2018. O formulário *online* forneceu também informação acerca da

participação ser voluntária, os dados disponibilizados serem confidenciais e anónimos e o acesso aos mesmos ser apenas possibilitado pelos investigadores envolvidos (cf. Anexo A). A mesma plataforma serviu como base para expor as duas escalas utilizadas neste estudo: a Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbica e a *Gays* da autoria do Professor Doutor Jorge Gato (Gato, Fontaine & Carneiro, 2014) e a Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade (Pereira, Monteiro & Camino, 2009b).

O tratamento e a análise dos dados foram efetuados através do software de análise estatística *IMB® SPSS®* (versão 22), para a análise descritiva e inferencial dos mesmos.

#### **1.4. Análise de dados**

A análise descritiva dos principais resultados foi realizada com recurso à média, ao desvio-padrão, percentagens, frequências, de acordo com a natureza das variáveis. Para além disso, através das estatísticas descritivas, foi possível comparar os valores médios do estudo com os da literatura dos instrumentos.

No que respeita à análise inferencial, esta foi executada através do Coeficiente de Pearson –  $r$ , e dos coeficientes de regressão padronizados, para averiguar, respetivamente, a forma como a idade está associada ao tipo de crença e conduta face à homossexualidade, bem como a direção (positiva ou negativa) dessa associação; de modo ainda a apurar se as crenças associadas à natureza da homossexualidade e as atitudes face a lésbicas e a *gays* estão associadas, assim como a direção (positiva ou negativa) dessa associação; e saber em que medida as crenças sobre a natureza da homossexualidade predizem a ocorrência de comportamentos/atitudes perante a homossexualidade.

Para verificar diferenças significativas entre a variável género e orientação sexual quanto às subescalas relativas às crenças associadas à natureza da homossexualidade e às atitudes face a lésbicas e a *gays*, recorreu-se ao uso e análise de testes não paramétricos (Teste U de Mann-Whitney para amostras independentes).

## **2. Apresentação de Resultados**

### **2.1. Dados de Caracterização da Amostra**

Seguidamente serão apresentados os dados de caracterização da amostra em estudo, relativamente ao género e aos grupos de idade (tabela 1), à orientação sexual (tabela 2), ao posicionamento religioso (tabela 3), às áreas de estudo (tabela 4) e ao estado civil (tabela 5). Este estudo engloba uma amostra de 111 participantes, de entre dos quais 92

são do sexo feminino (82,9%) e 19 do sexo masculino (17,1%). Como se verifica na tabela 1, a maioria dos participantes possui idade compreendidas entre o 18 e os 25 anos ( $M=25,41$ ;  $DP=7,626$ ), sendo que a amostra total é maioritariamente composta por participantes do género feminino.

Tabela 1 –  
Distribuição dos/as participantes em função do género e dos grupos de idade

		Idade					Total
		18-25	26-33	34-41	42-50	51-59	
Sexo do Participante	Masculino	13	3	2	0	1	19
	Feminino	70	13	3	5	1	92
Total		83	16	5	5	2	111

Em relação à questão da orientação sexual, através da tabela 2, podemos verificar que a maioria (84,7%) dos inquiridos indicam ser heterossexuais, no entanto, com apenas 12,6% estão os participantes que mencionam ter uma sexualidade não normativa (6,3% são homossexuais e 6,3% são bissexuais), existindo 2,7% que preferem não responder a esta questão.

Tabela 2 –  
Distribuição dos/as participantes em função da orientação sexual

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Homossexual	7	6,3	6,3	6,3
	Heterossexual	94	84,7	84,7	91,0
	Bissexual	7	6,3	6,3	97,3
	Prefere não responder	3	2,7	2,7	100,0
	Total	111	100,0	100,0	

Em relação à filiação religiosa, e através dos valores apresentados na tabela 3, é notório que a maioria dos inquiridos (91,9%) assume ter uma religião católica, sendo que apenas 33,3% é praticante dessa religião, seguido de 6,3% de agnósticos/ateus.

Tabela 3 –  
Distribuição dos/as participantes em função do posicionamento religioso

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido Praticante	37	33,3	33,3	33,3
Não Praticante	65	58,6	58,6	91,9
Agnóstico/Ateu	7	6,3	6,3	98,2
Prefere não responder	2	1,8	1,8	100,0
Total	111	100,0	100,0	

Abordando as habilitações literárias, a maioria apresenta como grau de escolaridade a Licenciatura (44,1%), seguido do Mestrado (27,9%), Doutoramento (18,9%) e Ensino Secundário (6,3%). Aprofundando as habilitações literárias, em relação à Licenciatura, a maioria dos inquiridos frequenta a área das Ciências Humanas e Sociais (25,2%), seguida da área das Ciências da Saúde (10,8%) e da área das Ciências Tecnológicas (7,2%). O mesmo se verifica na habilitação literária de Mestrado: Ciências Humanas e Sociais (18,0%), Ciências da Saúde (7,2%) e Ciências Tecnológicas (2,7%). Em relação ao Doutoramento, a área das Ciências da Saúde é a mais frequentada (9,0%), seguida da área das Ciências Humanas e Sociais (8,1%) e da área das Ciências Tecnológicas (1,8%). Em termos globais, são apresentados na tabela 4, os valores que correspondem à área de estudo dos participantes.

Tabela 4 –  
Distribuição dos/as participantes em função das áreas de estudo

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido Humana e Sociais	57	51,4	51,4	51,4
Saúde	30	27,0	27,0	78,4
Tecnológica	14	12,6	12,6	91,0
Outros	10	9,0	9,0	100,0
Total	111	100,0	100,0	

No que diz respeito ao estado civil do participante, é notório que a maior parte dos inquiridos (73,0%) são solteiros, seguindo de casados/as – união de facto (14,4%), e estando numa relação informal (11,7%). Apenas uma pessoa é divorciada/separada. Na tabela 5, são apresentados os valores correspondentes a esta variável.

Tabela 5 –  
Distribuição dos/as participantes em função do estado civil

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido Solteiro/a	81	73,0	73,0	73,0
Casado/a - União de Facto	16	14,4	14,4	87,4
Divorciado/a - Separado/a	1	,9	,9	88,3
Numa Relação Informal	13	11,7	11,7	100,0
Total	111	100,0	100,0	

### 2.1.1. Análise Descritiva da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade

Primeiramente, recorreu-se à análise dos itens que compõem os resultados da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade, comparando com os dados médios determinados por Pereira, Monteiro e Camino (2009b), com os dados obtidos neste estudo. Na tabela 6 encontram-se esses mesmos resultados.

Através da análise da tabela seguinte, reparamos que na totalidade dos itens os valores da presente amostra são inferiores ao dos autores Pereira e colaboradores (2009b).

Tabela 6 –

Estatística Descritiva dos itens da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade.

Estatística Descritiva				
Itens	Pereira, A., Monteiro, M.B. & Camino, L. (2009b)		Presente Estudo (2018)	
	M	DP	M	DP
E01	3.64	1.79	<b>1.86</b>	<b>1.53</b>
E02	1.51	1.20	<b>1.10</b>	<b>.50</b>
E03	2.10	1.54	<b>1.21</b>	<b>.72</b>
E04	2.88	1.52	<b>1.45</b>	<b>1.03</b>
E05	1.70	1.24	<b>1.15</b>	<b>.64</b>
E06	2.44	1.50	<b>1.23</b>	<b>.70</b>
E07	2.90	1.82	<b>1.46</b>	<b>1.24</b>
E08	5.44	1.55	<b>4.84</b>	<b>2.29</b>
E09	2.28	1.50	<b>1.27</b>	<b>.90</b>
E10	4.51	1.58	<b>3.77</b>	<b>2.25</b>
E11	3.23	1.63	<b>1.37</b>	<b>.88</b>
E12	2.00	1.42	<b>1.18</b>	<b>.69</b>
E13	1.81	1.36	<b>1.10</b>	<b>.45</b>
E14	2.48	1.75	<b>1.24</b>	<b>.78</b>
E15	3.35	1.65	<b>1.78</b>	<b>1.47</b>

Apresentam-se ainda na tabela 7, os resultados das subescalas e da escala total obtidos neste estudo e os resultados globais considerados pelos mesmos autores anteriormente mencionados, referentes à estatística descritiva da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade, através das médias e dos desvios-padrão, sendo que os valores mínimos correspondem a 1 e os valores máximos a 7, em todas as subescalas.

Tal como acontecia item a item, as 5 subescalas apresentam valores inferiores no presente estudo, quando comparados com os resultados de Pereira e colaboradores (2009b).

Tabela 7 –

Média e Desvio-Padrão para as Subescalas e Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade

Média e Desvio-Padrão das Subescalas da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade				
Subescalas	Pereira, A., Monteiro, M. B. & Camino, L (2009b)		Presente Estudo (2018)	
	M*	DP	M	DP
Biológica	2.79	1.60	<b>1.45</b>	<b>.85</b>
Religiosa	1.74	1.29	<b>1.14</b>	<b>.51</b>
Ético-Moral	2.13	4.65	<b>1.18</b>	<b>.56</b>
Psicológica	3.00	1.66	<b>1.43</b>	<b>.88</b>
Psicossocial	4.43	1.59	<b>3.46</b>	<b>1.46</b>
Total Escala	2.82	1.54	<b>1.75</b>	<b>.62</b>

\* os valores médios, foram calculados pela proponente, baseando-se nos valores determinados pelos autores do instrumento

Através destes valores, observamos que a média mais elevada se situa na subescala Psicossocial, e a média mais baixa corresponde à subescala Religiosa. Considerando estes valores, verificamos que os/as participantes expressam mais a crença de que a Homossexualidade tenha uma natureza psicossocial. As explicações psicossociais/culturais derivam da ideia de que a mesma não é uma doença e deve ser compreendida na sua totalidade, pois trata-se de uma orientação como outra qualquer sendo resultado de processos identitários e socioculturais (Pereira, Monteiro & Camino, 2009b).

### 2.1.2. Análise Descritiva da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays

Neste tópico foi realizado o mesmo procedimento anteriormente referido. Para uma análise mais estruturada, foi realizada uma comparação dos valores médios obtidos por Gato, Fontaine e Leme (2014). Na tabela 8 estão apresentados esses mesmos valores e os obtidos neste presente estudo.

Observando os valores da tabela 8, verificamos que os itens correspondentes à única componente positiva desta escala (Suporte) são superiores quando comparados com os dos autores Gato e colaboradores (2014).

Tabela 8–

Estatística Descritiva dos itens da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays.

Estatística Descritiva				
Itens	Gato, J., Fontaine, A. M. & Leme, V. B. R. (2014)		Presente Estudo (2018)	
	M	DP	M	DP
E01	4.88	1.29	<b>5.77</b>	<b>.73</b>
E02	1.93	1.36	<b>1.23</b>	<b>.81</b>
E03	4.51	1.51	<b>5.56</b>	<b>.99</b>
E04	1.84	1.22	<b>1.25</b>	<b>.80</b>
E05	3.36	1.70	<b>2.05</b>	<b>1.51</b>
E06	1.85	1.33	<b>1.29</b>	<b>.87</b>
E07	4.38	1.42	<b>5.63</b>	<b>.84</b>
E08	4.19	1.38	<b>2.59</b>	<b>1.52</b>
E09	5.02	1.35	<b>5.65</b>	<b>.94</b>
E10	2.20	1.38	<b>1.42</b>	<b>1.07</b>
E11	4.56	1.28	<b>5.15</b>	<b>1.38</b>
E12	2.27	1.31	<b>1.35</b>	<b>.79</b>
E13	3.87	1.73	<b>5.35</b>	<b>1.11</b>
E14	4.42	1.36	<b>4.45</b>	<b>1.44</b>
E15	4.99	1.27	<b>5.67</b>	<b>.84</b>
E16	5.16	1.15	<b>5.79</b>	<b>.73</b>
E17	4.63	1.13	<b>5.09</b>	<b>1.16</b>
E18	1.96	1.22	<b>1.30</b>	<b>.91</b>
E19	3.47	1.61	<b>2.46</b>	<b>1.59</b>
E20	2.04	1.21	<b>1.21</b>	<b>.70</b>
E21	2.15	1.40	<b>1.34</b>	<b>.91</b>
E22	1.65	1.13	<b>1.15</b>	<b>.77</b>
E23	1.49	0.96	<b>1.09</b>	<b>.57</b>
E24	1.93	1.30	<b>1.21</b>	<b>.91</b>
E25	4.93	1.09	<b>3.22</b>	<b>1.48</b>
E26	3.30	1.54	<b>2.36</b>	<b>1.57</b>
E27	4.56	1.22	<b>4.49</b>	<b>1.43</b>

Na tabela 9, ainda referente à análise descritiva, são ainda observados as médias e os desvios-padrão obtidos das subescalas e escala neste estudo e, os resultados gerais considerados pelos mesmos autores. Nesta escala, os valores mínimos e máximos variam entre 1 e 6, em todas as subescalas.

Tabela 9 –

Média e Desvio-Padrão para as Subescalas e Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays

Média e Desvio-Padrão das Subescalas da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays				
	Gato, J., Fontaine, A. M. & Leme, V. B. R. (2014)		Presente Estudo (2018)	
Subescalas	M*	DP	M	DP
RP	3.10	1.25	<b>1.07</b>	<b>.31</b>
HP	1.93	1.28	<b>1.26</b>	<b>.68</b>
HM	3.95	1.57	<b>2.26</b>	<b>.92</b>
S	4.64	1.40	<b>4.97</b>	<b>.84</b>
Total Escala	3.40	1.33	<b>2.19</b>	<b>.37</b>

\* os valores médios, foram calculados pela proponente, baseando-se nos valores determinados pelos autores do instrumento

Através da análise da tabela supracitada, registamos que as médias mais elevadas correspondem à única subescala positiva (Suporte) e a mais baixa à subescala negativa (Homopatologização) associada a manifestações tradicionais e hostis de preconceito sexual. Tendo em conta os valores significativamente supracitados, é notório que os inquiridos praticam com mais frequência a atitude de apoio e suporte perante os indivíduos homossexuais e a homossexualidade. Os valores do presente estudo são inferiores aos dos autores nas subescalas negativas (Rejeição da Proximidade, Heterossexismo Moderno e Homopatologização) e superiores na subescala de atitude positiva (Suporte).

## 2.2. Análise Inferencial dos Resultados

### 2.2.1. Correlações entre Crenças e Atitudes face à Homossexualidade

Neste ponto foram determinadas correlações entre as subescalas de Crenças e Atitudes face à Homossexualidade através do Coeficiente de Pearson –  $r$ , para averiguar a existência dessa associação. Na tabela 10 são apresentados os valores das associações, bem como a sua direção (positiva ou negativa).

Tabela 10 –

Matriz de Correlações (Coeficiente de Pearson –  $r$ ) entre as subescalas de cada instrumento.

Correlação entre as subescalas (Crenças x Atitudes)					
Subescalas	HP	RP	HM	S	Total Escala de Atitudes
Psicossocial	.097	.145	.177	-.022	.196*
Ético-Moral	.856**	.714**	.564**	-.531**	.724**
Psicológica	.584**	.500**	.427**	-.271**	.541**
Religiosa	.571**	.411**	.449**	-.309**	.524**
Biológica	.555**	.454*	.518**	-.284**	.588**
Total Escala de Crenças	.617**	.529**	.518**	-.309**	.624**

\*para  $p \leq 0,05$ ; \*\*para  $p \leq 0,01$ 

Considerando a correlação entre o total de cada escala ( $r = .624$ ,  $p \leq 0.01$ ), registamos que as crenças se associam significativamente com o tipo de atitudes face à Homossexualidade. Como ilustrado na tabela acima, considerando a significância de  $p \leq 0.01$ , podemos observar que existe uma correlação forte ( $r = .856$ ) entre as crenças de natureza ético-morais com a atitude/comportamento de homopatologização. Este valor sugere que os/as participantes que consideram a crença de natureza ético-moral perante a homossexualidade praticam mais e com frequência atitudes homofóbicas e, à medida que aumenta os valores das crenças aumenta os das atitudes. De um modo geral, as crenças sobre a natureza da homossexualidade estão significativamente associadas às atitudes face à homossexualidade e aos indivíduos homossexuais, exceto nas crenças de cariz psicossocial.

### **2.2.2. Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade como Preditores de Atitudes perante a Homossexualidade**

Através do coeficiente de regressão padronizado, procuramos saber em que medida as crenças sobre a natureza da homossexualidade predizem ou não a ocorrência de comportamentos/atitudes perante a homossexualidade. Na tabela seguinte são apresentados os valores que predizem a ocorrência de manifestações hostis perante a homossexualidade e os indivíduos homossexuais.

Tabela 11 –

Coeficientes de Regressão Padronizados (betas) obtidos na análise dos preditores das atitudes face a lésbicas e gays.

Preditores	Atitudes Face a Lésbicas e a Gays			
	HP	RP	HM	S
<i>Sociodemográficas</i>				
Idade	.111*	.057	.256**	-.293**
<i>Subescalas Crenças</i>				
Psicossocial	-.025	.027	.080	.021
Ético-Moral	.883**	.861**	.335*	-.756**
Psicológica	.110	.077	-.106	.035
Religiosa	-.017	-.125	.197	.082
Biológica	-.107	-.170	.236*	.170
R <sup>2</sup> <sub>ajustado</sub>	.884	.727	.659	.636

\*para  $p \leq 0,05$ ; \*\*para  $p \leq 0,01$ 

Na primeira equação, os resultados demonstram que o coeficiente de regressão é significativamente diferente de zero,  $R = .884$ ,  $F(7, 93) = 47,554$ ,  $p < 0.001$ . Neste sentido, verificamos que existem duas variáveis que se apresentam como preditores: uma nas variáveis sociodemográficas e a outra no tipo de crenças sobre a natureza da homossexualidade. O valor sugere que, pelo menos uma das variáveis predictoras está associada como fator explicativo da Homopatologização, atitude essa que está tradicionalmente associada à condenação moral e patologização da homossexualidade. Como ilustrado na tabela 11, das variáveis sociodemográficas, a idade prediz a homopatologização de modo que quanto maior é a idade maior é a atitude de condenação moral. No mesmo sentido e, considerando a variável associada ao tipo de crença, os indivíduos que aderem a crenças ético-morais exprimem uma maior patologização da homossexualidade.

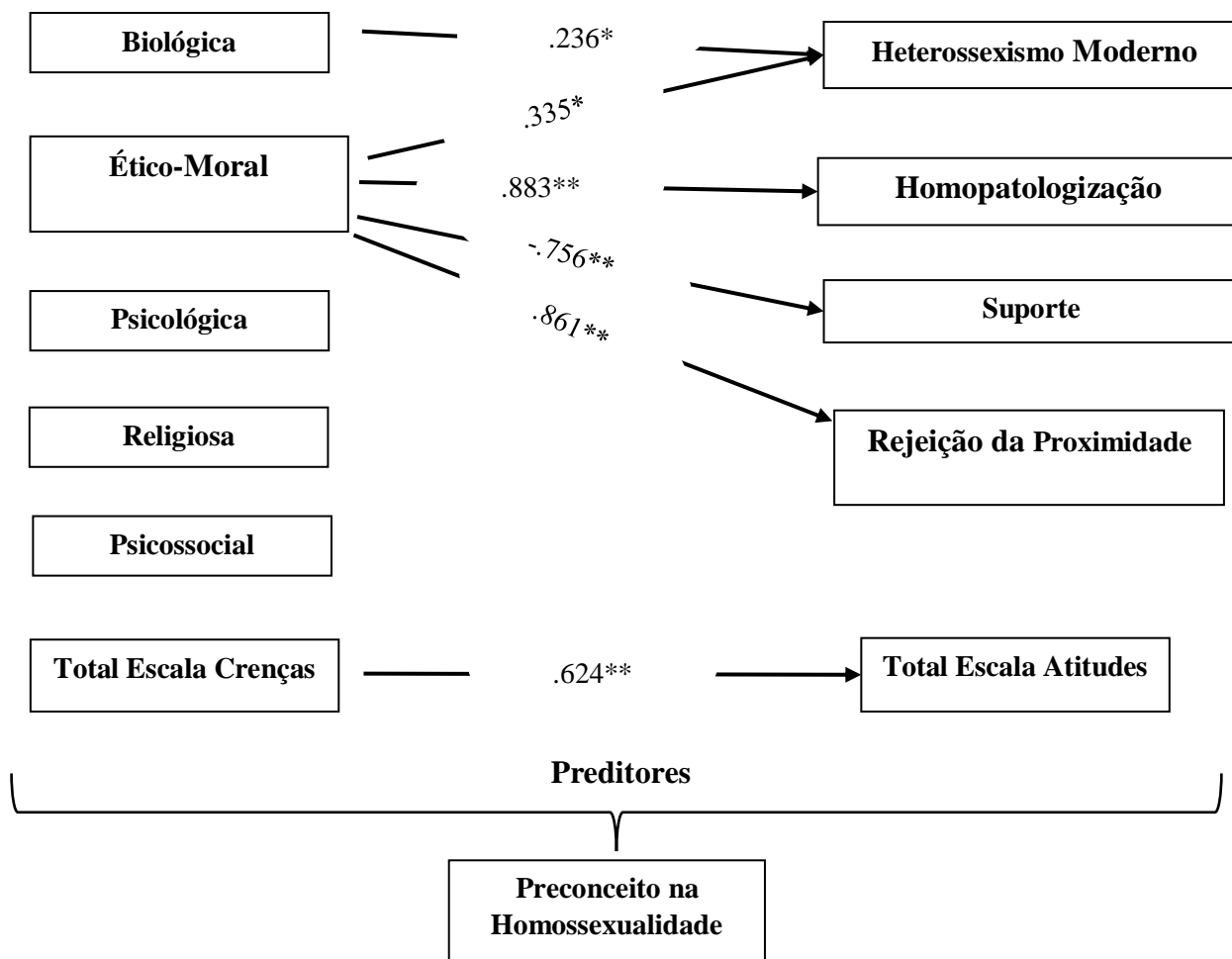
Na segunda equação de regressão, o coeficiente também é diferente de zero,  $R = .727$ ,  $F(6, 97) = 18,104$ ,  $p < 0.001$ . Neste caso, apenas a variável associada ao tipo de crença sobre a natureza da homossexualidade tem um efeito explicativo, de modo que quanto maior for a adesão a crenças de natureza ético-morais maior será a atitude de rejeição da proximidade para com os indivíduos homossexuais.

Na terceira equação de regressão, é notório que o coeficiente de regressão também é diferente de zero,  $R = .659$ ,  $F(6, 95) = 12,155$ ,  $p < 0.001$ . Na presente situação, existem três variáveis que são consideradas como predictoras do Heterossexismo Moderno: a

variável sociodemográfica idade e as variáveis associadas ao tipo de crenças ético-morais e biológicas. Estes três fatores explicam o Heterossexismo Moderno no mesmo sentido, ou seja, quanto maior a idade e/ou quando existe uma maior adesão às crenças de natureza biológica e ético-moral, mais enraizada será a ideia de que, apesar da homossexualidade ser aceite, o modelo ideal de funcionamento psicológico tem como base a heterossexualidade.

Por último, na quarta equação de regressão, o coeficiente é também diferente de zero  $R = .636$ ,  $F(7, 94) = 9,116$ ,  $p < 0.001$ . Aqui existem duas variáveis que se apresentam como preditores: a variável sociodemográfica idade e a crença de natureza ético-moral associada à homossexualidade. O valor sugere que, pelo menos uma das variáveis predictoras funciona como explicação da única atitude de cariz positivo face à homossexualidade – Suporte. Assim sendo, a idade prediz a atitude de suporte perante os indivíduos homossexuais da seguinte forma: quanto menor é a idade maior é a atitude de apoio perante a homossexualidade. No mesmo sentido, e remetendo-nos ao tipo de crenças sobre a natureza da homossexualidade, os inquiridos que aderem a crenças ético-morais exprimem um menor apoio, auxílio e suporte para com os indivíduos homossexuais.

Figura 1. Coeficientes de Regressão Padronizados obtidos na Análise das Relações entre as Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e as Atitudes Face a Lésbicas e Gays.



A figura 1, apresenta, de uma forma sintetizada, o impacto do tipo de crenças nos quatro indicadores de comportamentos/atitudes perante a homossexualidade e a população homossexual. Em termos gerais, e considerando os valores totais das escalas previamente utilizadas, registamos que o tipo de crenças sobre a natureza da homossexualidade tem um impacto altamente significativo no tipo de atitude/comportamento face a essa mesma orientação.

Analisando, detalhadamente, os valores das subescalas, reparamos que a subescala de natureza ético-moral sugere tanto as atitudes de cariz positivo (Suporte) como negativo (Homopatologização, Rejeição da Proximidade e Heterossexismo Moderno), em direções opostas. A subescala de natureza biológica sugere, numa direção positiva e significativa, a atitude de carácter negativo associada ao Heterossexismo Moderno.

Pode dizer-se que os estudantes universitários com maior adesão à crença de natureza ético-moral face à homossexualidade são aqueles que revelam atitudes mais hostis e homofóbicas, manifestando assim uma diminuição da única atitude de cariz positivo que presta apoio e suporte à população homossexual. Em relação ao tipo de crença de natureza biológica, os inquiridos que manifestam mais esse tipo de crença, são aqueles que exprimem, maioritariamente, a atitude de que, apesar da homossexualidade até poder ser aceite, a heterossexualidade é o modelo ideal de funcionamento psicológico.

### 2.2.3. Estudo da Correlação entre a variável Idade e as Crenças e Atitudes face à Homossexualidade

Para analisar as relações da variável idade com as subescalas de cada instrumento, foram calculadas correlações através do Coeficiente de Pearson –  $r$ , de modo a verificar se a idade está associada ao tipo de crença e à conduta face à homossexualidade, bem como a direção (positiva ou negativa) dessa associação. Nas tabelas seguintes são apresentados os valores encontrados, respetivamente, para as crenças e as atitudes.

Tabela 12 –

Análise da Associação entre a Variável Idade com as Subescalas da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade (Correlações – Coeficiente de Pearson –  $r$ ).

Correlação da Variável Idade com as Subescalas da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade	
Subescalas	Idade do Participante
Psicossocial	.050
Ético-Moral	-.038
Psicológica	.004
Religiosa	-.031
Biológica	.012
Total Escala de Crenças	.006

\*para  $p \leq 0,05$ ; \*\*para  $p \leq 0,01$

De um modo geral, através dos valores supracitados, encontramos que a variável sociodemográfica idade não apresenta qualquer tipo de correlação significativa com as cinco respetivas subescalas relativas à natureza da homossexualidade.

Tabela 13 –

Análise da Associação entre a Variável Idade com as Subescalas da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays (Correlações – Coeficiente de Pearson –  $r$ ).

Correlação da Variável Idade com as Subescalas da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays	
Subescalas	Idade do Participante
HP	.114
RP	.034
HM	.264**
S	-.260**
TOTAL ESCALA	.130

\*para  $p \leq 0,05$ ; \*\*para  $p \leq 0,01$

Já no domínio das atitudes, encontramos duas correlações negativa, altamente significativa, entre a variável idade com a subescala de Suporte e de Heterossexismo Moderno. O valor da correlação entre a idade e a subescala de Suporte ( $r = -.260$ ;  $p \leq 0.01$ ) sugere que, quanto maior a idade menor será a pontuação na única escala de cariz positivo quanto às atitudes face à homossexualidade e aos indivíduos homossexuais. Os participantes mais jovens ( $M = 25,41$ ) praticam mais a atitude de suporte para com a população homossexual, de modo a proporcionar um maior apoio e auxílio para com a mesma. Relativamente ao valor da correlação entre a idade e a subescala de Heterossexismo Moderno ( $r = .264$ ;  $p \leq 0.01$ ) este permite-nos afirmar que, quanto maior a idade mais enraizada será a ideia de que, apesar da homossexualidade poder ser aceite, o modelo ideal de funcionamento psicológico tem como base a heterossexualidade.

### 2.3. Estudo das Diferenças entre Variáveis

Como existem diferenças significativas na representatividade da amostra deste estudo para com a variável género e orientação sexual, optamos pela análise de testes não paramétricos, especificamente o Teste U de Mann-Whitney para amostras independentes. Temos a atribuição de 2 grupos tanto para a variável sexo (Masculino –  $N = 19$ ; Feminino –  $N = 92$ ) como para a variável orientação sexual (Heterossexual –  $N = 94$ ; Homossexual/Bissexual –  $N = 14$ ). Analisando os valores obtidos através do Teste U de Mann-Whitney (não paramétrico), registamos diferenças significativas tanto para a variável sexo como para a orientação sexual, no âmbito das atitudes e das crenças associadas à homossexualidade. Nas tabelas seguintes, serão apresentadas as diferenças

relativamente às subescalas dos instrumentos já referidos ao longo do trabalho, para o sexo e para a variável orientação sexual.

Tabela 14 –

Análise das diferenças nas subescalas da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays em função do sexo dos/as participantes

<i>Subescalas de Crenças</i>	Teste U de Mann-Whitney
Religiosa	.011*
Ético-Moral	.004**
Biológica	.108
Psicológica	.213
Psicossocial	.602
Total da Escala de Crenças	.676

<i>Subescalas de Atitudes</i>	
Rejeição da Proximidade	.018*
Homopatologização	.077
Heterossexismo Moderno	.014*
Suporte	.049*
Total da Escala de Atitudes	.028*

\*para  $p \leq 0,05$ ; \*\*para  $p \leq 0,01$

No que respeita à Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade, apenas encontramos diferenças significativas nas subescalas relativas à natureza Ético-Moral e Religiosa da homossexualidade. Através dos valores supracitados, verificamos que o sexo masculino evidencia com mais frequência esse tipo de crenças que são consideradas historicamente mais tradicionais. Em termos gerais e conclusivos, os resultados sinalizam que os homens abordam a homossexualidade com conotações pejorativas e negativas mais frequentes que as mulheres.

Em termos globais, no que respeita a variável sexo, observamos uma diferença significativa ( $p \leq 0,05$ ) no valor total da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays. Considerando este valor e a amostra em questão, reparamos que, geralmente, o sexo masculino possui maior tendência para manifestar atitudes hostis face à homossexualidade. Quando consideramos os resultados nas subescalas, encontramos diferenças significativas ( $p \leq 0,05$ ) nas subescalas relativas à Rejeição da Proximidade, Heterossexismo Moderno e Suporte. A partir dos valores das subescalas anteriormente referidas, retiramos que, apenas na única subescala de cariz positivo (Suporte) o sexo feminino sobressai, manifestando assim maior apoio perante a população LGBT do que o sexo masculino. Globalmente, no que diz respeito às atitudes, os resultados obtidos

sugerem que os homens praticam mais, frequentemente, comportamentos hostis e preconceituosos perante a homossexualidade, do que as mulheres.

Tabela 15 –

Análise das diferenças nas subescalas da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays em função da orientação sexual dos/as participantes

<i>Subescalas de Crenças</i>	Teste U de Mann-Whitney
Religiosa	.846
Ético-Moral	.382
Biológica	.111
Psicológica	.327
Psicossocial	.030*
Total da Escala de Crenças	.015*

<i>Subescalas de Atitudes</i>	
Rejeição da Proximidade	.514
Homopatologização	.272
Heterossexismo Moderno	.537
Suporte	.080
Total da Escala de Atitudes	.980

\*para  $p \leq 0,05$ ; \*\*para  $p \leq 0,01$

Quando comparamos os dois grupos referentes à orientação sexual – Heterossexual com Homossexual/Bissexual –, não encontramos diferenças significativas no domínio das atitudes, mas sim no tipo de crenças associadas à homossexualidade. Assim sendo, e considerando o valor total da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade, acabamos por registar diferenças significativas ( $p \leq 0,05$ ). Quando consideramos os valores obtidos nas subescalas, encontramos apenas diferenças significativas na subescala relativa à natureza Psicossocial da homossexualidade. Observando o resultado obtido, registamos que a população heterossexual evidencia, frequentemente, este tipo de crença. Globalmente, e em termos de conclusão, os valores supracitados sugerem que os indivíduos heterossexuais abordam a homossexualidade como derivação do resultado de processos identitários e socioculturais, não a considerando como patologia e compreendendo-a na sua totalidade.

### **3. Discussão de Resultados**

Tendo em conta os objetivos previamente escolhidos, passaremos a apresentar uma análise mais integral e crítica dos resultados obtidos. O critério de apresentação dos resultados que se seguem está orientado pelos três objetivos inicialmente contemplados, pelo que daremos início a esta discussão considerando o primeiro objetivo, nomeadamente a análise das crenças associadas à natureza da homossexualidade bem como as atitudes face a lésbicas e a *gays* nas várias dimensões representadas pela amostra.

#### **3.1. Análise das Crenças associadas à Natureza da Homossexualidade e das Atitudes Face a Lésbicas e a *Gays***

Quanto às Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade podemos dizer que a nossa amostra se comporta de uma forma menos normativa que a amostra considerada por Pereira, Monteiro e Camino (2009b) na adaptação do instrumento à população portuguesa. Como oportunamente referido os valores das quatro subescalas que atribuem natureza biológica, religiosa, psicológica e ético-moral associada à homossexualidade, são mais baixos do que os da amostra considerada pelos autores. No que diz respeito à subescala psicossocial, apesar de esta apresentar um valor também inferior ao da amostra original continua a ser, dessas subescalas avaliadas, aquela que tem mais peso, dando nota de que a componente psicossocial considerada como determinante da homossexualidade é a que mais peso tem no grupo em estudo. Nesta perspetiva, assinalamos que a postura dos estudantes universitários avaliados dá nota de uma conceitualização da natureza da homossexualidade mais flexível, referindo que a homossexualidade não é uma doença e que esta deve ser compreendida na sua totalidade, pois trata-se de uma orientação como outra qualquer, cuja deriva do resultado de processos identitários e socioculturais (Pereira, Monteiro & Camino, 2009b). Várias pesquisas apontam que os menores níveis de preconceito estão associados a crenças de natureza psicossocial, portanto, considera-se assim um resultado positivo que a maioria dos/as participantes atribuem causalidade a uma natureza psicossocial da homossexualidade (Pereira, Monteiro & Camino, 2009a; Gaspodini & Falcke, 2018).

No que respeita às Atitudes Face a Lésbicas e a *Gays* registamos que o comportamento da nossa amostra é menos normativo, menos preconceituoso, menos homofóbico ainda do que a amostra considerada por Gato, Fontaine e Leme (2014). Os valores que dizem respeito às três atitudes de cariz negativo – Rejeição da Proximidade, Heterossexismo

Moderno e Homopatologização – são inferiores ao da amostra considerada pelos autores do instrumento, e quanto à única atitude positiva (Suporte) face à homossexualidade, a nossa amostra consegue um valor mais alto do que o valor da amostra original. Daqui retiramos que, a amostra avaliada neste estudo presta mais apoio, mais suporte face à homossexualidade e aos indivíduos homossexuais, que a amostra que sustentou o estudo de referência. Nos estudos realizados por Bota (2017), verificamos que as médias mais elevadas correspondem à única subescala positiva (Suporte) e as mais baixas a subescalas negativas associadas a manifestações tradicionais e hostis de preconceito sexual, o que acaba por concordar com os resultados obtidos no presente estudo.

Em resumo, considerando a componente cognitiva – Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade – e a componente comportamental – Atitudes Face a Lésbicas e a *Gays* –, verificamos que a nossa amostra, na sua globalidade, é flexível, sem características homofóbicas de relevo.

### **3.2. Análise da Associação entre as Crenças e as Atitudes**

Neste tópico recorreu-se à Análise do Coeficiente de Pearson ( $r$ ) que sustentou a existência de uma associação positiva e altamente significativa entre a totalidade das subescalas que avaliam as crenças sobre a natureza da homossexualidade e o total das subescalas relativas às atitudes face a lésbicas e a *gays*. Considerando os valores finais, registamos uma correlação razoável e altamente significativa, que apontava que quanto mais alto o valor encontrado na Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade mais alto será o valor encontrado na Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a *Gays*.

Havendo essa associação, posteriormente, e numa análise mais aprofundada, recorreu-se à Análise dos Coeficientes Regressão Padronizados (beta) para perceber quais os tipos de subescalas relativas às crenças que teriam um peso específico na génese das atitudes. Assim, das cinco subescalas associadas ao tipo de crença sobre a natureza da homossexualidade, duas delas – Ético-Moral e Biológica – têm um peso efetivo nas quatro dimensões relativas ao comportamento face a lésbicas e a *gays*. Estas subescalas têm um peso leve, mas com significado, no Heterossexismo Moderno. A tradução desta relação revela que as dimensões onde são atribuídas causas biológicas e raízes éticas-morais têm peso numa visão de aceitação da homossexualidade, mas à luz da prevalência do modelo heterossexual, refletindo alguma reserva. Por outro lado, temos uma única

subescala – Ético-Moral – com peso nas quatro subescalas das atitudes, ou seja, esta dimensão pesa, positivamente, na perspectiva do Heterossexismo Moderno, da Homopatologização e da Rejeição da Proximidade (atitudes com componente negativa) e, pesa de forma negativa e com relevo na dimensão de Suporte (atitude de cariz positivo). Considerando os estudos de Pereira, Torres, Falcão e Pereira (2013) e os estudos de Pereira, Alfaia, Souza e Lima (2014), os resultados apontam para a insistência de que a crença ético-moral se posiciona com preditor do preconceito contra os homossexuais assim como foi demonstrado no presente estudo.

Resumindo, a forma como nós pensamos acerca da natureza de um determinado fenómeno, neste caso acerca da Homossexualidade, determina, de forma variável, o tipo de comportamento que vamos assumir perante esse mesmo fenómeno, sendo, neste estudo, as perspectivas ético-morais que têm mais peso na génese das atitudes.

### **3.3. Analisar as relações entre as Variáveis Sociodemográficas com as Subescalas relativas às Crenças e com as Subescalas relativas às Atitudes**

No que diz respeito ao tipo de relação que existe entre as variáveis sociodemográficas com as duas grandes dimensões – Crenças e Atitudes –, optamos por dois tipos de análise: uma análise inferencial de correlações para a variável sociodemográfica Idade e, uma análise de diferenças que nos permitem verificar de que forma as variáveis Género e a Orientação Sexual podem exibir diferentes expressões perante o tipo de crenças e atitudes face à homossexualidade.

No que diz respeito à variável sociodemográfica Idade foi utilizada uma análise inferencial, recorrendo ao Coeficiente de Pearson ( $r$ ) para analisar as possíveis relações quanto às crenças e atitudes associadas à homossexualidade.

Relativamente à correlação entre a variável sociodemográfica Idade com as subescalas relativas às crenças sobre a natureza da homossexualidade, esta surge sem significado estatístico. Já no domínio das atitudes, surgem duas correlações significativas, mais especificamente uma correlação negativa com a única atitude de cariz positivo (Suporte) e uma correlação positiva com uma das atitudes negativas (Heterossexismo Moderno). Nesta perspectiva e respeitando a dimensão de Suporte, retiramos que a amostra mais jovem pratica mais a atitude de apoio e suporte face à população homossexual, enquanto que os/as inquiridos/as com idade maior evidenciam manifestações mais tradicionais e hostis de preconceito em função da orientação sexual. No que respeita à

atitude de Heterossexismo Moderno, os nossos resultados sugerem que quanto mais velhos os elementos da amostra, mais tendência terão para exibir um comportamento de aceitação face à homossexualidade, porém com alguma referência ao padrão normativo heterossexual.

Estes efeitos vão ao encontro dos resultados mais recentes obtidos nos estudos de Pereira, Alfaia, Souza e Lima (2014), dos valores divulgados pela Comissão Europeia (2015) e dos resultados obtidos por Bota (2017) no que respeita às atitudes face a pessoas lésbicas, *gays* e bissexuais, que revelam que as pessoas mais jovens expressam menos atitudes negativas relativamente à homossexualidade.

No que respeita ao sexo, como a amostra deste estudo apresenta limitações ao nível da representatividade, sendo a maioria do sexo feminino, recorremos a uma análise diferencial, utilizando o Teste U de Mann-Whitney, para assim averiguar as diferenças significativas quanto às subescalas relativas às crenças e atitudes face a lésbicas e a *gays*. Assim, e considerando as dimensões associadas ao tipo de crença, os homens evidenciam mais o tipo de crenças de natureza ético-moral e religiosa. Nesta perspetiva, os resultados sugerem que os homens abordam a homossexualidade com conotações negativas e depreciativas mais frequentes do que as mulheres.

No âmbito das atitudes reparamos que o sexo masculino tem um maior peso nas atitudes consideradas negativas – Rejeição da Proximidade e Heterossexismo Moderno – face à homossexualidade. Inversamente, registamos que as mulheres manifestam mais comportamentos de apoio e de suporte para com lésbicas e *gays*.

Resumindo, estes resultados acabam por ser semelhantes aos estudos de Gato, Fontaine e Carneiro (2012) da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a *Gays*, aos estudos proporcionados por Melo e Pelixo (2013) e aos valores mais recentes divulgados por Bota (2017).

No que diz respeito à orientação sexual e, tendo encontrado, nesta amostra, uma percentagem interessante de indivíduos homossexuais (lésbicas e *gays*) e bissexuais, num último aprofundar desta análise, foi para nós pertinente verificar se, o facto de pertencerem ou não a este subgrupo determinavam diferentes tipos de crenças e atitudes quando comparadas com os restantes sujeitos que não apresentavam esta orientação.

Desta forma e, no âmbito das crenças sobre a natureza da homossexualidade, a nossa amostra, na perspectiva de pessoas de orientação heterossexual, identifica-se, exclusivamente, de uma forma significativa, com a subescala psicossocial, a qual não considera a homossexualidade como patologia, compreendendo que esta deriva do resultado de processos identitários e socioculturais de cada um. Nesse sentido, observamos e confirmamos a flexibilidade e a posição menos ortodoxa da nossa amostra.

Em relação ao domínio das atitudes face à homossexualidade, interessante não encontramos comportamentos que distingam quem pertence ao grupo mais normativo de heterossexuais e ao grupo menos normativo de homossexuais/bissexuais. Estudos elaborados por Costa, Bandeira e Nardi (2015) relatam que os indivíduos não heterossexuais são menos preconceituosos do que os heterossexuais, o que não se verifica no presente estudo.

Em termos gerais e conclusivos, se considerarmos a posição e a postura com que iniciamos a discussão dos resultados, observamos que, a amostra deste estudo, apresenta, crenças sobre a natureza da homossexualidade e atitudes face a lésbicas e a *gays* bastante flexíveis.

## **Conclusão**

Este estudo permitiu analisar a associação entre as crenças relacionadas com a natureza da homossexualidade e as atitudes face a lésbicas e a *gays*, tendo sido incluídas diferentes variáveis como o género, idade e orientação sexual. Através dessa associação foi possível identificar alguns fatores que evidenciaram a flexibilidade das respostas e dos resultados obtidos, nomeadamente a questão da juventude da amostra e, sendo esta maioritariamente feminina. Ainda assim, a presente investigação permitiu concluir que deve ser realizada uma sensibilização contínua da sociedade face à Homossexualidade, sendo esta mais focalizada na população de grupos etários menos jovens.

Em relação às implicações práticas que o estudo desenvolvido poderá ter, em primeiro lugar, é pertinente referir que o preconceito e a discriminação face à orientação sexual ainda se mantêm em Portugal e, assim sendo, é necessário reforçar a carência de sensibilização e formação de profissionais de áreas de saúde, educativas e sociais, entre outras, para as questões associadas a atitudes e crenças face à diversidade sexual. Neste sentido gostaríamos de acreditar que a presente dissertação poderá ter contribuído para a investigação tão necessária nos domínios da diversidade sexual.

Finalizada a reflexão inerente a todo o processo de construção do presente trabalho teórico-prático cabe apresentar algumas limitações do mesmo, sendo que a apreciação e a interpretação dos resultados foram feitas já à luz dessas mesmas limitações. As primeiras considerações a tecer a este propósito centram-se na própria amostra que se distingue na sua representatividade em termos do sexo dos/as participantes, sendo, maioritariamente feminina.

Por outro lado, e considerando a orientação sexual, sentimos a necessidade de agregar duas categorias distintas (indivíduos homossexuais e bissexuais) que se associam a expressões de orientação sexual não normativa, de modo a tornar mais robustas as análises estatísticas entre grupos com diferentes pesos na sua representatividade na presente amostra, o que poderá constituir um viés que no presente estudo não conseguiu controlar.

Na mesma linha de análise cumpre-nos destacar o nível de formação da amostra recolhida (estudantes universitários) que corresponde a uma faixa da população com características de conhecimentos e de informação que não se pode generalizar a outros grupos da população portuguesa.

Ainda no âmbito das limitações, o instrumento de avaliação – Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a *Gays* – apenas avalia atitudes relativamente a lésbicas e a *gays*, sendo assim, um pouco redutor face à diversidade sexual.

No mesmo sentido, o facto de ser abordada uma e única atitude de cariz positivo perante a homossexualidade (subescala de Suporte que contém apenas 5 itens em 27), pode constituir uma restrição do mesmo.

Relativamente à Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade, existem dois itens (item 8: “A causa da homossexualidade é a preferência da pessoa por essa orientação sexual” e item 11: “A causa da homossexualidade é o modo como se forma a identidade da pessoa”) que, eventualmente, requerem especial atenção quanto à clareza do conteúdo dos mesmos, situação esta que emergiu aquando de uma leitura mais detalhada dos resultados.

Assim, as sugestões para estudos futuros prendem-se essencialmente com a complementação de uma análise qualitativa no sentido de averiguar interpretações dos sujeitos perante o conteúdo dos itens que compõem os instrumentos supracitados, bem como a dos significados eventualmente emergentes aquando da abordagem destas temáticas num registo mais subjetivo e experiencial. Por outro lado, e em termos ideais seria potencialmente interessante considerar a construção de um novo instrumento de avaliação de forma a analisar, independentemente e de forma distinta, o preconceito face a lésbicas, *gays*, bissexuais e transexuais.

Finalmente, pensamos ser importante sublinhar o papel da Psicologia na promoção de níveis cada vez mais sólidos de informação e de conhecimentos numa área que, atualmente, se vai libertando dos constrangimentos sociais e culturais a que tem sido relegada na história recente da humanidade.

Sendo a sexualidade uma dimensão básica e essencial da compreensão do comportamento humano, só poderá enriquecer esta mesma compreensão fomentar, recolher e refletir sobre as várias expressões da diversidade sexual, contribuindo para um conhecimento aprofundado, realista, respeitador e valorizador dos indivíduos.

Temos como referência que a contínua reflexão sobre as variadas vivências da sexualidade corresponderá a uma maior versatilidade na inclusão dos comportamentos

não hegemónicos e não normativos no leque das múltiplas expressões que esta expressão do comportamento pode assumir.

## Referências Bibliográficas

Airès, P. (1985). *Reflexões Sobre a História da Homossexualidade*. In: Airès, P & Benji, A. (Orgs.) *Sexualidade Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.

Allport, G. (1954). *A Natureza do Preconceito*.

Almeida, M. (2009). *A Chave do Armário – Homossexualidade, Casamento, Família*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Almeida, M. (2010). O contexto LGBT em Portugal. In I. Castro (Ed), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 45-92). Lisboa: CIG.

AMPLOS (2012). Quem somos. Disponível em <http://www.amplos.pt/sample-page/quem-somos/>. [Consultado em 16/04/2018].

American Psychological Association. (2008). Answers to your questions for a better understanding of sexual orientation & homosexuality. Disponível em <https://www.apa.org/topics/lgbt/orientation.aspx>. [Consultado em 10/09/2018].

Bota, P. H. C. (2017). *Evolução e configuração atual do preconceito face a lésbicas e a gays: Um estudo comparativo*. (Dissertação de Mestrado). Escola de Ciências Sociais, Évora.

Brandão, A. M. (2008). *Dissidência sexual, género e identidade*.

Cass, V. C. (1979). Homosexual identity formation: a theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4, 219-235.

Coleman, E. (1982). Developmental stages of the coming Out Process. In J. C. Gonsiorek (Ed.), *Homosexuality and Psychotherapy. a Practitioner's Handbook of Affirmative Models* (number 4 of the Book Series: Research on Homosexuality, pp. 31-43). New York: Haworth Press.

Costa, A. B., Bandeira, D. R. & Nardi, H. C. (2015). Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de género: construção de um instrumento. *Estudos de Psicologia*, 32(2), 163-172.

Decreto-lei nº 38/2018 de 7 de agosto. *Diário da República nº 151/2018 – Série I*, Lisboa.

European Commission (2015). *Discrimination in the EU in 2015*. (Special Eurobarometer 437). Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/-/discriminacao-na-uniao-europeia-eurobarometro-2015-ja-disponivel-online> [Consultado em 27/12/2018].

Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gay's e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1(26), 25-45.

Foucault, M. (1999). *História da Sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Furnham, A. (2009). *50 Ideias Psicologia Que Precisa Mesmo de Saber*. Alfragide: D. Quixote.

Gato, J., Fontaine, A. M., & Carneiro, N. S. (2012). Escala multidimensional de atitudes face a lésbicas e a gays: Construção e validação preliminar. *Paidéia*, 22(51), 11-20.

Gato, J., Fontaine, A. M. & Leme, V. B. R. (2014). Validação e Adaptação Transcultural da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 251-271.

Gaspodini, I. B. & Falcke, D. (2018). Relações entre Preconceito e Crenças sobre a Diversidade Sexual e de Género em Psicólogos/as Brasileiros/as. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 744-757.

Gaudenzi, P. (2018). Intersexualidade: entre saberes e intervenções. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(1).

Hequembourg, A. L., & Dearing, R. L. (2013). Exploring shame, guilt, and risky substance use among sexual minority men and women. *Journal of homosexuality*, 60(4), 615-638.

Herek, G. M. (1996), "Heterosexism and Homophobia", in Robert Cabaj; Terry Stein (orgs.), *Textbook of Homosexuality and Mental Health*. Washington DC: American Psychiatric Press, 101-113.

Herek, G. M. (2002). Gender gaps in public opinion about lesbians and gay men. *Public Opinion Quarterly*, 66, 40-66.

ILGA-Portugal. Disponível em <http://ilga-portugal.pt/> [Consultado em 05/08/2018].

Jodelet, D. (1986). La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In S. Moscovici (Ed), *Psicología Social II* (pp. 469-494). Barcelona, Espanha: Paidós.

Koehler, S. M. F. (2013). Homofobia, Cultura e Violências: A Desinformação Social. *Interações*, 26, 129-151.

Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165 – 178.

Manuel, D. F. F. P., Silva, M. V. & Oliveira, R. F. T. (2015). A origem do preconceito. *Revista Científica FEPI*.

Marcus, E. (1999). *Será uma opção?* Lisboa: Sinais de Fogo.

Melo, M. & Pelixo, P. (2013). Desde que eles não mostrem: Perspetivas de professores/as sobre orientação sexual e identidades LGBT. In A. Pereira, M. Calheiros, P. Vagos, I. Direito, S. Monteiro, C. Fernandes da Silva & A. Allen Gomes (Orgs.), *Livro de Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 194-204. Aveiro: Associação Portuguesa de Psicologia.

Mineiro, A. M. (2010). Atitudes Homofóbicas: as perceções, receios e preconceitos no seio das famílias.

Moita, G. (2006). A patologização da diversidade sexual: Homofobia no discurso de clínicos. *Revistas Crítica de Ciências Sociais*, 76, 53-72.

Moleiro, C., Raposo, C. S., Moita, G., Pereira, H., Gato, J., Silva, M. & Neves, S. (2017). Guia Orientador da Intervenção Psicológica Com Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT).

Molina, L. P.P. (2011). A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, 4(8), 949-962.

Monteiro, M. B. (1997). Conflito e Cooperação nas Relações Intergrupais. In Castro (Ed), *Psicologia Social* (pp. 309-351). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Moscovici (1978). *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Moscovici, S. (2001). *Social Representations: explorations in social psychology*. Washington: New York University Press.

Mott, L. (2003). *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: Grupo Gay da Bahia.

Myers, D. G. (2000). *Psicologia Social*. Rio Janeiro: LTC.

Neto, F. (1998). *Psicologia Social*. (vol II). Universidade Aberta: Lisboa.

Nodin, N. (2002). *Sexualidade de A a Z*. Lisboa: Bertrand Editora.

Nunan, A. (2003). *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio Janeiro: Editora Caravansarai.

Ocaña, I. (2007). *Adolescentes e o sexo*. Sicidea.

Oliveira, J. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual trans e *queer*. In I. Castro (Ed), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 19-44). Lisboa: CIG.

Pereira, A., Monteiro, M. B. & Camino, L. (2009b). Estudo da validação das escalas de crenças sobre a natureza da homossexualidade e de preconceito contra homossexuais. *Laboratório de Psicologia*, 7(1), 21-32.

Pereira, A. S. L. S., Monteiro, M. B. & Camino, L. (2009a). Social norms and prejudice against homosexuals. *Spanish Journal of Psychology*, 12(2), 576-84.

Pereira, C., Torres, A. R., Falcão, L. & Pereira, A. (2013). O Papel de Representações Sociais sobre a Natureza da Homossexualidade na Oposição ao Casamento Civil e à adoção por Famílias Homoafetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(1), 79 – 89.

Pereira, A. S. L. S., Alfaia, A. J. B., Souza, L. E. C. & Lima, T. J. S. (2014). Preconceito Contra Homossexuais no Contexto do Futebol. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 737-745.

Pereira, H. & Leal, I. P. (2005). Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. *Análise Psicológica*, 23(3), 323-328.

Pereira, H. & Leal, I. (2002). A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. *Análise Psicológica*, 1(10), 107-113.

Poeschl, G. A. (2004). Dinâmicas posicionais e dinâmicas representacionais: reflexões e interrogações. *Psicologia*, 18(1), 7-11.

Poeschl, G. A. (2003). Teoría de las representaciones sociales. In José Francisco Morales Domínguez & Carmen Huici Casal (Dirs.), *Estudios de Psicología Social*, 439-466.

Rede Ex-Aequo. Disponível em <https://www.rea.pt/quem-somos/> [Consultado em 05/08/2018].

Rozenthal, E. (2018). Assexualidade: um olhar psicanalítico para o futuro. *Cad. Psicanál (CPRJ)*, 40(38), 111-124.

Scardua, A. & Filho, E. A. S. (2006). O Debate sobre a Homossexualidade Mediado por Representações Sociais: Perspetivas Homossexuais e Heterossexuais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 482-490.

Spencer, C. (1999). *Homossexualidade: uma história*. (2ªed). Rio Janeiro: Record (traduzido do original em inglês *Homosexuality – A History*, 1995).

Weeks, J. (2000). O Corpo e a Sexualidade. In Louro, Guarcira Lopes (org), *O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade* (pp. 35-72).

## **Anexos**

**Anexo A – Consentimento Informado**

### **Declaração de Aceitação**

Aceito de livre vontade participar neste estudo intitulado de “Crenças e Atitudes de Estudantes Universitários face a Lésbicas e a *Gays*”. Declaro que compreendi os termos de apresentação e participação no estudo acima mencionados e que me foram explicados os objetivos e métodos do mesmo, pelo que consinto a participação no estudo, respondendo às questões propostas e permitindo que as informações por mim prestadas sejam utilizadas nesta investigação. Estou consciente de que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que daí resulte para mim qualquer prejuízo e tenho conhecimento de que a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial, sendo a minha participação anónima e que o acesso aos dados e resultados só é possível pelos investigadores envolvidos.

Aceito participar no presente projeto.

**Anexo B – Questionário Sociodemográfico**

1. Sexo: Masculino  Feminino  2. Idade: \_\_\_\_\_ 3. Profissão: \_\_\_\_\_

4. Nacionalidade: \_\_\_\_\_

**5. Habilitações Literárias:**

Até ao 4ºano  Até ao 6º  Até ao 9º  Até ao 12º ano de escolaridade

Curso técnico-profissional  Em que área?

Ciências da Saúde  Ciências Humanas e Sociais  Ciências Tecnológicas  Artes

Licenciatura:  Em que área?

Ciências da Saúde  Ciências Humanas e Sociais  Ciências Tecnológicas  Artes

Mestrado  Em que área?

Ciências da Saúde  Ciências Humanas e Sociais  Ciências Tecnológicas  Artes

Doutoramento  Em que área?

Ciências da Saúde  Ciências Humanas e Sociais  Ciências Tecnológicas  Artes

**6. Estado Civil:**

Solteiro/a  Divorciado/a  Casado/a– União de Facto  Numa relação informal

Outro: \_\_\_\_\_

**7. Orientação Sexual:**

Homossexual  Heterossexual  Transexual  Bissexual

Prefere não responder

### 8. Filiação religiosa

Católico  Praticante  Não praticante

Protestante  Praticante  Não praticante

Judeu  Praticante  Não praticante

Muçulmano  Praticante  Não praticante

Outra  Praticante  Não praticante

Ateu

Muito Obrigada pela Colaboração

**Anexo C – Autorização dos Autores dos Instrumentos Utilizados**



---

## Re: Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e Gays | Pedido de Autorização

1 mensagem

---

No dia 6 de dezembro de 2017 às 12:22, Jorge Gato escreveu:

Boa tarde,

Muito obrigado pelo contacto. Concedo autorização para utilização do instrumento, enviando as instruções em anexo.

Com os melhores cumprimentos e votos de bom trabalho,

---

**Jorge Gato, PhD**

Post-Doctoral Researcher  
Center for Psychology at University of Porto  
Birkbeck, University of London  
Universidad de Sevilla

---

De Luis Santos ]

Enviado: quarta-feira, 6 de Dezembro de 2017 12:19

Para: Jorge Gato

Assunto: Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e Gays | Pedido de Autorização

Caro Professor Doutor Jorge Gato,

No âmbito da orientação de Dissertação de **Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde**, intitulada **Crenças e Atitudes de Estudantes Universitários Face a Lésbicas e Gays**, a realizar pela aluna Andreia Filipa Ribeiro Teixeira, da **Universidade Fernando Pessoa**, sob orientação da Professora Doutora Zélia Teixeira e eu próprio, solicitamos autorização para utilizar a Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012).

Com os nossos melhores cumprimentos,

Andreia Teixeira  
Luís Santos  
Zélia Teixeira

## Crenças e Atitudes de Estudantes Universitários Face a Lésbicas e a Gays

Autorização da Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e de Preconceito contra Homossexuais

Caixa de entrada x



Andreia Filipa Ribeiro Teixeira <[redacted]>

26/02 (há 2 dias) ☆



para [redacted]

Cara Professora Doutora Annelise Pereira,

No âmbito da orientação de Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, intitulada Crenças e Atitudes de Estudantes Universitários face a Lésbicas e a Gays, a realizar por mim, aluna da Universidade Fernando Pessoa, sob a orientação da Professora Doutora Zélia Teixeira e Professor Luís Santos, solicitamos a autorização para utilizar a Escala de Crenças sobre a Natureza da Homossexualidade e de Preconceito contra Homossexuais.

Com os nossos melhores cumprimentos,

Andreia Teixeira  
Luís Santos  
Zélia Teixeira



Annelise Pereira

21:07 (há 21 horas) ☆



para mim ▾

Boa tarde Andreia,  
será um prazer saber que este trabalho a ajudará em alguma perspectiva  
Boa sorte!  
Att

...



Andreia Filipa Ribeiro Teixeira <[redacted]>

09:52 (há 8 horas) ☆



para [redacted]

Então permite o acesso à escala correto?

Obrigada.  
Cumprimentos!

...



Annelise Pereira

16:51 (há 1 hora) ☆



para mim ▾

Siiiiim :)

...